CURSO BÁSICO SOBRE

Mediunidade

UEM – UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA



CURSO BÁSICO DE MEDIUNIDADE

UEM – União Espírita Mineira

Digitalizada pela equipe:
Portal Luz Espírita

www.luzespirita.org.br

© 2008 – Brasil

Curso Básico sobre *Mediunidade*

Índice

Capítulo I – Introdução pág. 7
1 - Aspecto geral
2 - Conceito doutrinário
3 - Referências

Capítulo II – Natureza da Mediunidade pág. 9
1 - Introdução
2 - Classificação segundo a natureza
3 - Aspectos da mediunidade própria ou natural
4 - Aspectos da mediunidade de prova ou trabalho
5 - Aspectos da mediunidade de expiação
6 - Referências

Capítulo III – Espírito, Corpo e Perispírito pág. 13
1 - Deus, Espírito, Matéria e fluido cósmico
2 - Corpo, Espírito e Perispírito
3 - O Perispírito
4 - Referências

Capítulo IV – Da Identificação dos Espíritos pág. 17
1 - Introdução
2 - Lógica, bom senso, razão
3 - Da linguagem dos Espíritos
4 - Aparência
5 - Estado vibracional
6 - Referências

Capítulo V – Mecanismos das Comunicações pág. 20
1 - Introdução
2 - Processo mental
3 - Sintonia (vibrações compensadas)
4 - Responsabilidade do Médium nas comunicações
5 - Referências

Capítulo VI – Classificação Mediúnica pág. 25
1 - Efeitos Físicos
2 - Sensitivos ou Impressionáveis
3 - Auditivos
4 - Vidência
5 - Falantes ou Psicofônicos
6 - Sonambúlicos
7 - Curadores
8 - Psicografia
9 - Poliglotas
10 - Pressentimentos
11 - Intuição
12 - Referências

Capítulo VII – A Casa Mental pág. 33
1 - As três partes da Mente (Ref. 2)
2 - A casa construída por Freud (Ref. 2)
3 - O sistema nervoso é a casa de Freud (Ref. 1, pág. 42.)
4 - Referências

Capítulo VIII – Reflexo Condicionado pág. 35
1 - Conceituação e classificação
2 - Referências

Capítulo IX – Influência Moral do Médium pág. 37
1 - Afinidade
2 - Médium perfeito
3 - Repelir dez verdades a aceitar uma falsidade
4 - Referências

Capítulo X – Da Influência do Meio pág. 41
1 - Comunicações espelhando as ideias presentes
2 - Superação de obstáculos naturais
3 - Homogeneidade de pensamentos
4 - Referências

Capítulo XI – Educação Mediúnica pág. 46
1 - Orientação doutrinária
2 - Roteiro evangélico
3 - Exercícios psíquicos
4 - Referências

Capítulo XII – Exercício Mediúnico pág. 48
1 - Condições físicas: Idade - Saúde - Equilíbrio Psíquico
2 - Preparação constante: Alimentação - emoções - atitudes
3 - Predisposição evangélica: Autoeducação
4 - Segurança com noção de responsabilidade: Local para o exercício mediúnico - prudência - simplicidade
5 - Referências

Capítulo XIII – Animismo pág. 54
1 - Classificação dos fenômenos mediúnicos segundo Aksakof
2 - Explicação neurofisiológica
3 - O mecanismo dos fenômenos mediúnicos
4 - Correlacionamento entre Espiritismo e Animismo
5 - Referências

Capítulo XIV – Mediunidade e Prece pág. 58
1 - Aspecto formal
2 - Aspecto científico
3 - Ação da prece
4 - Referências

Capítulo XV – Da Influência dos Espíritos em Nossas Vidas pág. 63
1 - Influências ocultas ou ostensivas
2 - Influências benéficas ou perniciosas
3 - Obsessão
4 - Referências

Sugestões de Leitura pág. 63

Capítulo I

Introdução

1 - Aspecto geral

A mediunidade é faculdade inerente à própria vida e, com todas as suas deficiências e grandezas, acertos e desacertos, são qual o dom da visão comum, peculiar a. todas as criaturas. (1) Como instrumentação da vida, surge em toda a parte. O lavrador é o médium da colheita, a planta é o médium da frutificação e a flor é o médium do perfume. Em todos os lugares, damos e recebemos, filtrando os recursos que nos cercam e moldando-lhes a manifestação, segundo as nossas possibilidades. (2)

Desse modo, possuímos no artífice o médium de preciosas utilidades, no escultor o médium da obra-prima, nos varredores das vias públicas valiosos médiuns da limpeza, no juiz o médium das leis. Todos os homens em suas atividades, profissões e associações são instrumentos das forças a que se devotam, atraindo os elementos invisíveis que os rodeiam, conforme a natureza dos sentimentos e ideias de que se nutrem. O homem e a mulher, abraçando o matrimônio por escola de amor e trabalho, honrando o vínculo dos compromissos que assumem perante a harmonia universal, nele se transformam em médiuns da própria vida, responsabilizando-se pela materialização, a longo prazo, dos amigos e dos adversários de ontem, convertidos no santuário doméstico em filhos e irmãos. Além do lar, será difícil identificar uma região onde a mediunidade seja mais espontânea e mais pura. (2)

2 - Conceito doutrinário

Kardec define:

- **Mediunidade:** Faculdade dos médiuns.
- **Médiuns**: (do latim, *médium, meio, intermediário*) pessoa que pode servir de intermediária entre os dois planos da vida, ou seja, entre os

Espíritos e os Homens. [3]

Segundo André Luiz, mediunidade é o atributo de homem encarnado, para corresponder-se com o homem liberado do corpo físico. [1]

Embora aceitos em sentido mais amplo por vários autores em nossos estudos, conceituaremos, de um modo geral, os Fenômenos Mediúnicos como aqueles que se reconhecem uma causa extrafísica, supraterrestre, isto é, fora da esfera de nossa existência física, portanto, Fenômenos Espiríticos, pois, se processam com a intervenção dos espíritos desencarnados.

3 - Referências

(1) "Evolução em Dois Mundos", André Luiz - FEB - 1959
(2) "Nos Domínios da Mediunidade", André Luiz - FEB - 2ª edição.
(3) "O Livro dos Médiuns", Allan Kardec - FEB - 29ª edição.

Capítulo II

Natureza da Mediunidade

1 - Introdução

"Todos os homens são médiuns, todos tem um espírito que os dirige para o bem, quando sabem escutá-los". (1)

"Organizamos turmas compactas de aprendizes para a reencarnação. Médiuns e doutrinadores saem daqui às centenas, anualmente". (2)

"Ninguém pode avançar livremente para o amanhã sem solver os compromissos de ontem. Por este motivo, Pedro traz consigo aflitiva mediunidade de provação. É da Lei que ninguém se emancipe sem pagar o que deve". (3)

2 - Classificação segundo a natureza

Fácil observar-se que a mediunidade, embora una em sua essência (faculdade que permite ao homem encarnado entrar em relação com os espíritos), não o é quanto a sua natureza, ou razão de ser; variando de indivíduo para indivíduo.

Assim, destacamos:

- ✓ **Mediunidade própria ou natural**

  Edgard Armond a define: "À medida que evolui e se moraliza, o indivíduo adquire faculdade psíquica e aumenta consequentemente sua percepção espiritual. A isso denominamos mediunidade natural". (4)

- ✓ **Mediunidade de prova ou trabalho**

  Faculdade oferecida ao indivíduo, em caráter precário, como uma tarefa a desenvolver, quando encarnado, com vistas à sua melhoria espiritual e a de seus semelhantes.

Preparado de antemão no plano espiritual, o médium, ao reencarnar tem, no exercício mediúnico, abençoada oportunidade de trabalho.

- ✓ **Mediunidade de expiação**

Há determinadas pessoas compromissadas grandemente em virtude do mau uso de seu livre-arbítrio anterior (em passadas existências), a sensibilidade psíquica aguçada é imposta ao médium como oportunidade para ressarcimento de seus atos menos felizes do pretérito com vistas à sua libertação futura.

Esta mediunidade se manifesta à revelia da criatura e comumente lhe causa sofrimentos aos quais não se pode furtar.

A sua forma de manifestação mais comum é a obsessão que pode atingir até o estagio de subjugação.

- ✓ **Médiuns missionários**

Convém lembrar que, além dos aspectos acima referidos, excepcionalmente podemos encontrar médiuns que são verdadeiramente missionários do plano espiritual, entre os homens, os quais, pelos seus elevados dotes morais e espirituais, se tornam, a título de testemunho, em instrumentos da vontade Divina, em favor da humanidade.

3 - Aspectos da mediunidade própria ou natural

A sensibilidade mediúnica oriunda do trabalho perseverante do espírito é resultado de seu próprio esforço.

Como toda conquista espiritual, demanda perseverança e seu aperfeiçoamento se faz através das reencarnações, seguidas de idêntico empenho no plano espiritual.

Conquistada essa sensibilidade, transforma-se num atributo do espírito – patrimônio intransferível de sua individualidade.

Isenta dos percalços naturais, inerentes às provas e expiações, a sensibilidade psíquica conquistada é de caráter definitivo. O seu exercício não acarreta sofrimentos e permite o intercâmbio espontâneo com as entidades espirituais, sem necessidade do trabalho mediúnico de caráter obrigatório.

Por estar ao alcance de todos, paulatinamente, caminhamos para a conquista deste atributo, através do qual contaremos com maiores recursos de identificação com o plano espiritual.

A expressão fenomênica característica das demais manifestações mediúnicas cede lugar a intuição pura e simples e as incursões da alma no plano extrafísico.

A sua característica principal é, portanto, a intuição.

4 - Aspectos da mediunidade de prova ou trabalho

A sensibilidade mediúnica é concedida como uma oportunidade de trabalho para a criatura.

Conferida em caráter transitório, por empréstimo, segundo programação no plano espiritual, antes do reencarne do médium, pode ser suspensa por iniciativa da própria espiritualidade, consoante o uso que dela fizer.

Seu despertar é quase sempre cercado de recursos alertadores, com vistas à segura orientação do médium.

Respeitado o livre-arbítrio do médium, este pode ou não atender ao compromisso assumido na espiritualidade. Dispondo-se ao exercício mediúnico, além do aprendizado natural e excelente oportunidade de serviço, conta o médium com possibilidades de reajustar-se frente aos problemas de seu passado. Recusando-se ao trabalho, no entanto, normalmente, retorna ao plano espiritual mais compromissado, em virtude do menosprezo da oportunidade que lhe foi concedida.

5 - Aspectos da mediunidade de expiação

A sensibilidade mediúnica é imposta ao médium para reajustes necessários, determinados pelos seus atos menos dignos do passado de culpas. Manifesta-se independente da vontade atual do médium e muitas vezes à sua própria revelia. Pelo seu caráter expiatório, pode cercar-se de determinados sofrimentos físico-psíquicos, que serão amenizados, ou mesmo eliminados pela perseverança do seu portador no trabalho mediúnico, dentro da seara cristã.

Independente de qualquer iniciativa visando ao seu desenvolvimento, a mediunidade surge, nem sempre branda, às vezes, violentamente, surpreendendo o próprio médium e aqueles que o cercam.

Tão logo surja esta manifestação, deve o médium ingressar numa reunião de ***Educação Mediúnica*** para melhor capacitar-se no devido controle de suas faculdades, com vistas ao seu exercício cristão.

Comumente manifesta-se sob o aspecto de obsessão e, se o médium não busca os recursos evangélico-doutrinários indispensáveis a sua autoeducação, pode cair nas tramas da subjugação.

6 - Referências

(1) "O Livro dos Médiuns", Allan Kardec - FEB - 29ª edição.
(2) "Os Mensageiros", André Luiz - FEB - 4ª edição.
(3) "Nos Domínios da Mediunidade", André Luiz - FEB - 2ª edição.
(4) "Mediunidade", Edgard Armond - LAKE - 9ª edição.

Capítulo III

Espírito, Corpo e Perispírito

1 - Deus, Espírito, Matéria e fluido cósmico

Para melhor compreensão do fenômeno mediúnico, é importante se estabeleça a interdependência entre o corpo, o perispírito e o Espírito. Para tanto, imprescindível aceitemos seguramente a existência e sobrevivência deste.

Allan Kardec afirma: Antes de travarmos qualquer discussão espírita importa indaguemos se o nosso interlocutor conta com esta base:

- Crer em Deus;
- Crer na imortalidade da alma;
- Crer na sobrevivência da vida após a morte.

Sem isso seria tão inútil ir além, com querer demonstrar as propriedades da luz a um cego que não a admitisse. (1)

Assim sendo, relembremos, com a Doutrina Espírita:

Deus - Inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas. Nosso pai e criador.

Espírito - Princípio inteligente do universo. O elemento espiritual individualizado constitui os seres chamados Espíritos; do mesmo modo que o elemento material individualizado constitui os diversos corpos da natureza, orgânicos e inorgânicos.

Matéria - Princípio que dá origem e formação aos corpos. Instrumento de que se serve o Espírito e sobre o qual ao mesmo tempo exerce a sua ação.

Fluido cósmico - Desempenha papel de intermediário entre o espírito e a matéria, propriamente ditas, por demais grosseira para que o Espírito possa exercer diretamente ação sobre ela.

É fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do espírito, de produzir a infinita variedade

das coisas de que apenas conhecemos uma parte mínima. Este fluido universal, sendo o agente de que o Espírito se utiliza, é o princípio, sem o qual, a matéria estaria em perpétuo estado de desagregação e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá. (2)

Abstraindo-se o Espírito, tudo o que existe no Universo é oriundo do fluido cósmico, não só o princípio material, quanto as leis que o regulam, tudo nele se alicerça. O fluido magnético e o fluido vital são apenas algumas das inúmeras modificações do fluido cósmico.

Pela sua característica de extrema maneabilidade e variadas funções, podemos dizer que se a matéria é manipulada pelo homem, as criaturas fluídicas são elaboradas mentalmente pelos Espíritos (encarnados ou desencarnados), uma vez que o fluido obedece ao seu comando mental.

André Luiz assim o conceitua: "O Fluido cósmico é o plasma divino, hausto do criador ou força nervosa do Todo-Sábio. Neste elemento primordial vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres, como peixes no oceano". (3)

2 - Corpo, Espírito e Perispírito

Quando encarnado, o homem constitui-se de:

- **Corpo físico** - Componente material análogo ao dos animais.
  - ✓ É, ao mesmo tempo, invólucro e instrumento de que se serve o Espírito.
  - ✓ De vida efêmera, se sujeita às transformações da matéria.
  - ✓ À medida que o Espírito adquire novas aptidões, pelas reencarnações, utiliza-se de corpos físicos mais aperfeiçoados, condizentes com suas novas necessidades.

- **Espírito** - Alma ou componente imaterial.
  - ✓ O progresso é a sua condição normal e a perfeição a meta a que se destina.
  - ✓ Imortal, preexiste e subsiste ao corpo físico que lhe serve de instrumento.
  - ✓ Retornando ao Plano Espiritual, após o desencarne, conserva a sua individualidade, preparando-se para novas metas em sua ascensão evolutiva.

- **Perispírito** - Envoltório fluídico de que se serve o Espírito em suas manifestações extrafísicas.

- ✓ Semimaterial, participa ao mesmo tempo da matéria pela sua origem e da espiritualidade pela sua natureza etérea.
- ✓ Corpo espiritual que durante a reencarnação serve de elo entre o corpo físico e o Espírito.

3 - O Perispírito

O perispírito, ou corpo fluídico, também conhecido como corpo astral, psicossoma, corpo celeste e outras denominações, é o corpo de que se serve o Espírito como veículo de sua manifestação no Plano Espiritual e como intermediário entre o corpo e o espírito quando encarnado.

Para melhor entendimento do perispírito, analisaremos este assunto sob os seguintes prismas: constituição, função, apresentação e propriedades.

Constituição

- De natureza sutil, o perispírito é constituído do fluido universal inerente ao globo em que estagia, razão porque não é idêntico em todos os mundos.
- Sua natureza está em relação direta com o grau de adiantamento moral do Espírito; daí decorre que o mesmo se modifica e se aprimora com o progresso moral que conquiste.
- Enquanto as entidades superiores formam o seu perispírito com os fluidos mais etéreos do plano em que estagiam, as inferiores formam dos fluidos mais densos, ou grosseiros, pelo que, seu perispírito chega a confundir-se, na aparência com o corpo físico.

Função

- O Espírito pela sua essência é um ser abstrato, que não pode exercer ação direta sobre a matéria bruta. Precisa de um elemento intermediário (fluido universal), daí a necessidade do envoltório fluídico – o perispírito.
- O perispírito faz do Espírito um ser definido, tornando-o capaz de atuar sobre a matéria tangível. É, assim, o traço de união entre o Espírito e a matéria.
- Quando encarnado, o Espírito se vale do perispírito para atuar sobre o corpo e sobre o meio ambiente e, por seu intermédio, recebe sensações dos mesmos.
- Despojado do corpo físico, pela desencarnação, o Espírito permanece com o perispírito, veículo de sua manifestação no Plano Espiritual.

Apresentação

- O perispírito toma a forma que o Espírito queira.
- Atuando sobre os fluidos espirituais, por meio do pensamento, e da vontade, os Espíritos imprimem a esses fluidos tal ou qual direção: Aglomeram-nos, combinam ou dispersam, forma conjuntos de aparência, forma e cor determinadas.
- Essas transformações, obedecendo à vontade do Espírito, permitem-lhe ter ou apresentar-se com a forma que mais lhe agrade. Podendo, num dado momento, alterar sua aparência instantaneamente.
- Essas transformações podem ser o resultado de uma intenção ou o produto de um pensamento inconsciente. Se num ambiente o Espírito apresenta-se com a aparência de sua última existência, pode, inconscientemente, modificar-se no recinto; algo, ou alguém o faz recordar-se de uma precedente reencarnação.Tão logo desliga o seu pensamento do passado, retorna à aparência atual.

Propriedades

- Um Espírito pode, portanto, apresentar-se ao médium com a aparência de uma existência remota (vestuário ou outros sinais característicos da época, inclusive cicatrizes, etc.), embora isto não signifique que ele conserve normalmente essa aparência, mas sim a de vidas posteriores (geralmente a última experiência na Terra).
- Mesmo um Espírito apenas intelectualmente desenvolvido, embora moralmente atrasado, pode apresentar-se ao médium sob a aparência que deseje (pela disposição do seu pensamento), até mesmo de uma outra entidade, num processo de mistificação espiritual.
- Normalmente, no entanto, o perispírito retrata a condição íntima do Espírito, razão pela qual, premido por um estado consciencial de culpa, este se apresenta portando inibições, defeitos, aleijões, ou problemas outros, dos quais, embora o desejasse, não se pode furtar.

4 - Referências

(1) “O Livro dos Médiuns”, Allan Kardec - FEB - 29ª edição.
(2) “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec - FEB - 30ª edição.
(3) “Evolução em Dois Mundos”, André Luiz - FEB - 1ª edição.
(4) “A Gênese”, Allan Kardec - FEB - 9ª edição.

Capítulo IV

Da Identificação dos Espíritos

1 - Introdução

"Amados não creiais a todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus". (I João 4:1)

"No que respeita às instruções gerais que nos trazem os Espíritos, o mais é o ensino que nos proporcionam e não o nome sob o qual se apresentam". Allan Kardec

"Se a individualidade do espírito pode nos ser indiferente, o mesmo não se dá quanto às suas qualidades. É bom ou mau o Espírito que se comunica? Eis a questão." Allan Kardec

2 - Lógica, bom senso, razão

A identificação do Espírito pelo nome não deve constituir preocupação do médium ou dos frequentadores da reunião, pois, o mais importante é o teor dos ensinos que nos transmitem, seja qual for o nome ou a forma sob a qual de apresente o comunicante.

Devemos considerar que, se o Espírito pode imprimir ao seu perispírito a forma que queira, este poderá apresentar-se sob a aparência de outra entidade, ou para infundir maior confiança ao médium, ou com o fim deliberado de enganar.

O mesmo se dá quanto ao nome com o qual se comunica, pois de nenhuma referência dispomos para comprovar a sua autenticidade, senão o teor de sua mensagem, condizente ou não com o nome indicado.

Será prudente, portanto, frente a qualquer comunicante, ainda que se

apresente como é ou um dos guias da reunião, analisar rigorosamente o teor da comunicação, aceitando apenas e exclusivamente, aquilo que esteja dentro da lógica, do bom senso e da razão.

3 - Da linguagem dos Espíritos

A respeito da identificação dos Espíritos transcrevemos algumas recomendações de "O Livro dos Médiuns", para nossa meditação.

Da linguagem dos Espíritos
"A linguagem dos Espíritos está sempre em relação com o grau de elevação a que já tenham chegado." "Apreciam-se os Espíritos pela linguagem que usam e pelas suas ações. Estas se traduzem pelos sentimentos que eles inspiram e pelos conselhos que dão".

A linguagem dos Espíritos Elevados é sempre idêntica senão quanto à forma, pelo menos quanto ao fundo. Os pensamentos são os mesmos, em qualquer tempo e em todo o lugar.	A linguagem dos Espíritos inferiores ou vulgares sempre algo refletem das paixões humanas.
Não se deve julgar da qualidade do Espírito pela forma material, nem pela correção de estilo. É preciso sondar-lhe o íntimo, analisar-lhe as palavras, pesá-las friamente, maduramente e sem prevenção.	Qualquer ofensa à lógica, à razão e à ponderação não pode deixar dúvida sobre a sua procedência, seja qual for o nome com que ostente o Espírito. Deve-se desconfiar dos Espíritos que com muita facilidade se apresentam, dando nomes extremamente venerados, e não aceitar o que dizem, senão com muita reserva.
Os bons Espíritos só dizem o que sabem; calam-se ou confessam a sua ignorância sobre o que não sabem.	Reconhecem-se os Espíritos levianos pela facilidade em que predizem o futuro e precisam fatos materiais que não nos é dado ter conhecimento.
Os bons espíritos são muito escrupulosos no tocante às atitudes que hajam de aconselhar. Nunca, qualquer que seja o caso, deixam de objetivar um fim sério e eminentemente útil.	Qualquer recomendação que se afaste da linha reta do bom senso, ou das leis imutáveis da Natureza, denuncia um Espírito atrasado e, portanto, pouco merecedor de confiança.
Os bons Espíritos só prescrevem o bem. Nunca ordenam; não se impõem, aconselham e, se não são escutados, retiram-se.	Máxima nenhuma, nenhum conselho que se não conforme estritamente com a pura caridade evangélica pode ser obra de bons Espíritos.
Os bons Espíritos não lisonjeiam; aprovam o bem feito, mas sempre com reserva.	Os conhecimentos de que alguns Espíritos se enfeitam, às vezes, com uma espécie de ostentação, não constituem sinal de superioridade deles. A inalterável pureza dos sentimentos é, para esse respeito, a verdadeira pedra de toque.
Para julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é preciso, primeiro, que cada um saiba julgar-se a si mesmo.	Se não fôsseis imperfeitos, não teríeis em torno de vós senão bons Espíritos; se fordes enganados, de vós mesmos vos deveis queixar.

4 - Aparência

Podendo alguns Espíritos enganar pela linguagem de que usam, segue-se que também podem, aos olhos de um médium vidente, tomar uma falsa aparência?

Isso se dá, porém, mais dificilmente. O médium vidente pode ver Espíritos levianos e mentirosos, como outros os ouvem, ou escrevem sob influência deles.Podem os Espíritos levianos aproveitar-se dessa disposição, para o enganar, por meio de falsas aparências; isso depende das qualidades do Espírito do próprio médium. ("O Livro dos Médiuns")

5 - Estado vibracional

Muitos médiuns reconhecem os bons e os maus Espíritos pela impressão agradável ou penosa que experimentam à aproximação deles. Perguntamos se a impressão desagradável, a agitação convulsiva, o mal-estar são sempre indícios da má natureza dos Espíritos que se manifestam.

O médium experimenta as sensações do estado em que se encontra o Espírito que dele se aproxima. Quando ditoso, o Espírito é tranquilo, leve, refletido; quando feliz, é agitado, febril, e essa agitação se transmite naturalmente ao sistema nervoso do médium. Em suma, dá-se o que se dá com o homem na terra: O bom é calmo, tranquilo; o mau está constantemente agitado. ("O Livro dos Médiuns").

Concluímos que a maneira mais segura de se identificar a natureza do Espírito é pelo teor de sua linguagem, falada ou escrita, mediante os conceitos que nos trazem. Tanto quanto, ao se aproximar de um médium, o Espírito pode por ele ser analisado, através do seu estado vibracional, ou seja, das sensações agradáveis ou desagradáveis que o Espírito infunde ao médium.

6 - Referências

"O Livro dos Médiuns", Allan Kardec - FEB - 29ª edição.
"O Novo Testamento" - Tradução de João Ferreira de Almeida - IBB

Capítulo V

Mecanismos das Comunicações

1 - Introdução

"A mente permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos". (1)

"Em mediunidade não podemos olvidar o problema da sintonia". (1)

"No socorro espiritual, os benfeitores e amigos das esferas superiores, tanto quanto os companheiros encarnados, quais o diretor da reunião e seus assessores que manejam o verbo educativo, funcionam lembrando autoridades competentes no trabalho curativo, mas o médium é o enfermo convidado a controlar o doente, quanto lhe seja possível, impedindo, a este último, manifestações tumultuárias e palavras obscenas". (3)

2 - Processo mental

Para que um Espírito se comunique é mister se estabeleça a sintonia da mente encarnada com a desencarnada.

Esse mecanismo das comunicações espíritas, mecanismo básico que se desdobra, todavia, em nuanças infinitas, de acordo com o tipo de mediunidade, estado psíquico dos agentes - ativo e passivo - valores espirituais, etc.

Sintonizando o comunicante com o medianeiro, o pensamento do primeiro se exterioriza através do campo físico do segundo, em forma de mensagem grafada ou audível.

Na incorporação (psicofonia), o médium cede o corpo ao comunicante, mas, de acordo com os seus próprios recursos, pode comandar a comunicação, fiscalizando os pensamentos, disciplinando os gestos e controlando o vocabulário do Espírito.

O pensamento do Espírito, antes de chegar ao cérebro físico do médium, passa pelo cérebro perispirítico, resultando disso a propriedade que tem o medianeiro, em tese, de fazer ou não fazer o que entidade pretende. (ref. 2 - Cap. IX e X).

3 - Sintonia (vibrações compensadas)

Sintonia significa, em definição mais ampla, entendimento, harmonia, compreensão, ressonância ou equivalência.

Sintonia é, portanto, um fenômeno de harmonia psíquica, funcionando naturalmente, a base de vibrações.

Duas pessoas sintonizadas estarão, evidentemente, com as mentes perfeitamente entrosadas, havendo, entre elas, uma ponte magnética a vinculá-las, imantando-as profundamente.

Estarão respirando na mesma faixa, intimamente associadas:

Sintonia, Ressonância, Vibrações compensadas	Sábios	Ideais superiores, Assuntos transcendentes	Ciência, filosofia, religião, etc.
	Índios	Objetivos vulgares, Assuntos triviais	Caça, lutas, pesca, presentes, etc.
	Árvores	Maior vitalidade melhor produção	Permuta dos princípios germinativos, quando colocadas entre companheiras da mesma espécie

Quanto mais evoluído o ser, mais acelerado o estado vibratório.

Assim sendo, em face das constantes modificações vibratórias verificar-se-á sempre, em todos os comunicados, o imperativo da redução ou do aumento das vibrações para que eles se deem com maior fidelidade.

Se esta lei de afinidade comanda inteiramente os fenômenos psíquicos, não há dificuldade em compreendermos porque as entidades luminosas ou iluminadas são compelidas a reduzir o seu tom vibratório a fim de, tornando mais densos os seus perispíritos, serem observadas pelos Espíritos menos evolvidos.Do mesmo modo, graduam o pensamento e densificam o perispírito, quando desejam transmitir as comunicações, inspirar os dirigentes de trabalhos mediúnicos ou os pregadores e expositores do Evangelho e da Doutrina. **(2)**

André Luiz em “Nos Domínios Da Mediunidade” (cap. V) descreve:

> *"Nesse instante, o irmão Clementino pousou a destra na fronte do amigo que comandava a assembleia, mostrando-se-nos mais humanizado, quase obscuro.*
>
> *“O benfeitor espiritual, que ora nos dirige – acentuou nosso instrutor – afigura-se-nos mais pesado porque amorteceu o elevado tom vibratório em que respira habitualmente, descendo a posição de Raul, tanto quanto lhe é possível, para benefício do trabalho começante.”*

Léon Denis afirma:

> *"... o Espírito, libertado pela morte, se impregna de matéria sutil e atenua suas radiações próprias, a fim de entrar em uníssono com o médium".*

Conclui-se, das palavras do filósofo francês, que os Espíritos dispõem de recursos para reduzir ou elevar o tom vibratório, da seguinte forma;

a) Para reduzir o seu próprio padrão vibratório, o Espírito superior impregna-se de matéria sutil colhida no próprio ambiente.
b) Para elevar o tom vibratório do médium, o Espírito encontra na própria concentração ou transe, daquele, os meios de ativar as vibrações. **(2)**

4 - Responsabilidade do Médium nas comunicações

Comumente o médium se deixa sugestionar pelos Espíritos rebeldes ou menos esclarecidos e sob a sua influência, extravasam no campo físico, suas impressões de desequilíbrio de que o comunicante se faz portador.

Isto se verifica quase sempre com o médium que ignora a sua responsabilidade na manifestação mediúnica, quando não o faz julgando que a "encenação" provocada pelo irmão sofredor é indício de autenticidade da "incorporação" do Espírito.

Qualquer que seja o motivo que leva o médium a permitir este excesso, sem qualquer controle de sua parte, denota que ele, embora detentor de faculdades psíquicas, ainda não se compenetrou de suas responsabilidades e não se dedica ao estudo doutrinário e aperfeiçoamento evangélico, indispensável ao melhor desempenho de sua tarefa.

Quanto à conduta do médium, André Luiz nos recomenda:

> *"Controlar as manifestações mediúnicas que veicula, reprimindo, quanto possível, respiração ofegante, gemidos, gritos e contorções, batimento de mãos e pés ou quaisquer gestos violentos".*
>
> *"O medianeiro será sempre o responsável direto pela mensagem de que se faz portador".* (Ref. 4, Cap. IV)

Conscientes de que o pensamento do Espírito, antes de chegar ao cérebro do médium, passa pelo seu cérebro perispirítico, fácil compreender que o médium pode e deve "policiar" as sugestões do comunicante, permitindo que seja externado apenas o necessário para o esclarecimento e orientação do Espírito, por parte do dirigente da reunião.

É compreensível que o Espírito em desequilíbrio, sugira ao médium: gritos, contorções, batimentos de mãos e pés ou outros gestos violentos, no entanto, cabe ao medianeiro, opor a estas sugestões, atitudes moderadas e equilibradas, as quais, coibindo a violência do comunicante, funcionam à guisa de alerta para o próprio Espírito, facilitando assim o esforço para sua orientação.

Por isso, em uma mesma reunião, com um mesmo Espírito se comunicando através de dois médiuns distintos, pode se verificar o seguinte:

Encontra-se no primeiro médium um instrumento afim com o seu estado íntimo, não só dará expansão as suas atitudes menos edificantes quanto, dificilmente assimilará os recursos esclarecedores que o dirigente busque lhe endereçar. Se, ao contrário, aproxima-se de um médium espiritualizado, à sua simples aproximação, já é auxiliado, pois este irradia, naturalmente, vibrações de paz e harmonia com que o envolve beneficamente. A tarefa do dirigente, nesse caso, é grandemente facilitada pela condição íntima do médium.

Lembremos mais uma vez André Luiz:

> *"Ainda mesmo um médium absolutamente sonâmbulo, incapaz de guardar lembranças posteriores ao socorro efetuado, semidesligado de seus implementos físicos, dispõe de recursos para governar os sentidos corpóreos de que o Espírito comunicante se utiliza, capacitando-se, por isso, com o auxílio dos instrutores espirituais, a controlar devidamente as manifestações.*
>
> *Não se diga que isso é impossível. Desobsessão é obra de reequilíbrio, refazimento, nunca de agitação e teatralidade.*
>
> *Nesse sentido, vale recordar que há médium de incorporação normal, e médium ainda obsidiado. E, sempre que o médium, dessa ou daquela espécie, se mostre obsidiado, necessita de socorro espiritual, através de esclarecimento, emparelhando-se com as entidades perturbadas carecentes de auxílio.*
>
> *Realmente, em casos determinados, o medianeiro da psicofonia não pode governar todos os impulsos destrambelhados da inteligência desencarnada que se comunica na reunião, como nem sempre o enfermeiro logra impedir todas as extravagâncias da pessoa acamada; contudo, mesmo nessas ocasiões especiais, o médium integrado em suas responsabilidades dispõe de recursos para cooperar no socorro espiritual em andamento, reduzindo as inconveniências ao mínimo."* (Ref. 3, Cap. 43)

Encerramos com Martins Peralva, concitando-nos à autoevangelização:

> *"Os médiuns, portanto, que desejam, sinceramente, enriquecer o coração com tesouros da fé, a fim de ampliarem os recursos de servir ao Mestre na seara do bem, não podem nem devem perder de vista o fator autoaperfeiçoamento".*

Não podem, de forma alguma, deixar de nutrir-se com o alimento evangélico, tornando-se humildes e bons, devotados e convictos, a fim de que os

modestos encargos mediúnicos de hoje sejam, amanhã, transformados em sublimes e redentoras tarefas, sob o augusto patrocínio do Divino Mestre, que nos afirmou ser o “Pão da Vida” e a “Luz do Mundo”.

Abnegação por perseverança, no trabalho mediúnico, mantém o servidor em condições de sintonizar, de modo permanente, com Espíritos Superiores, permutando, assim, com as forças do bem as divinas vibrações do amor e da sabedoria.

Estabelecida, pois, esta comunhão do medianeiro com os prepostos do senhor, a prática mediúnica se constituirá, com reais benefícios para o médium e o agrupamento onde serve, legítima sementeira de fraternidade e socorro. (Ref. 2, Cap. IV)

5 - Referências

(1) “Nos Domínios Da Mediunidade”, André Luiz - FEB - 2ª edição
(2) “Estudando a Mediunidade”, Martins Peralva - FEB - 4ª edição
(3) “Desobsessão”, André Luiz - FEB - 1ª edição
(4) “Conduta Espírita”, André Luiz - FEB - 1ª edição

Capítulo VI

Classificação Mediúnica

(Segundo a aptidão do médium)

1 - Efeitos Físicos

Mediunidade em que se observam os fenômenos objetivos e, por isso, perceptíveis pelos sentidos físicos.

Os médiuns de efeitos físicos, segundo Kardec, podem ser:

a) **Facultativo** - O que tem consciência da sua mediunidade e se presta à produção dos fenômenos por ato de sua própria vontade;

b) **Involuntário ou natural** - Nenhuma consciência tem dessas faculdades psíquicas, servindo muitas vezes, de instrumento dos fenômenos, contra sua vontade. (Ref. 1, Cap. XIV).

O médium de efeitos físicos, durante a produção dos fenômenos, pode permanecer em estado de transe, ou completamente desperto.

Os fenômenos de efeitos físicos mais comuns são:

a) Levitação - Quando pessoas ou objetos são erguidos no ar, sem interferência de recursos materiais objetivos.

b) Transporte - Quando objetos são levantados e deslocados de uma parte para outra, dentro do mesmo local ou trazidos de locais distantes.

c) Tiptologia - Comunicação dos Espíritos – valendo-se do alfabeto ou qualquer outro sinal convencionado – por meio de movimento de objetos ou através de pancadas.

O Espírito responderá às perguntas formuladas, valendo-se de um código estabelecido anteriormente.

Por exemplo:

- Uma pancada significa sim; duas pancadas, não.
- Uma pancada corresponde à letra A; duas pancadas correspondem à letra B, etc.;
- As letras do alfabeto são dispostas sobre uma mesa e os Espíritos conduzem um determinado objeto que, percorrendo as várias letras, forma palavras e frases inteiras.

A tiptologia, portanto, pode ser obtida de maneira muito variada, a critério dos responsáveis pela experiência.

É muita conhecida, nesse caso, a experiência com o copo.

d) Materialização - Manifestação dos Espíritos, através da criação de formas ou efeitos físicos. A materialização se desdobra em nuances variadas - sinais luminosos ligeiros ou intensos, ruídos, odores e a materialização propriamente dita, desde apenas determinadas partes do corpo até a completa materialização da entidade espiritual que se comunica.

Para a materialização, os Espíritos manipulam e conjugam três elementos essenciais:

- Fluidos inerentes à Espiritualidade;
- Fluidos inerentes ao médium e demais participantes da reunião;
- Fluidos retirados da natureza, especialmente da água e das plantas.

e) Voz direta ou Pneumatofonia - Comunicação oral do Espírito, diretamente, através de um aparelho vocal fluídico, manipulado pela espiritualidade. Nesse caso, os presentes registram apenas a voz dos Espíritos.

f) Escrita direta ou Pneumatografia - Comunicação dos Espíritos, através da escrita direta, isto é, sem concurso físico do médium.

A mensagem é grafada pelos Espíritos e, para tanto, nem o próprio lápis é indispensável.

g) Desdobramento (bicorporeidade) - Exteriorização do perispírito do médium que, afastado do corpo carnal – ao qual se liga pelo cordão fluídico – se manifesta materializado em local próximo ou distante.

O desdobramento pode assumir outras características, as quais, necessariamente, não se enquadram na categoria de efeitos físicos.

Por exemplo: O Espírito do médium, afastado do corpo, pode se fazer notar em outro local, através da vidência de um segundo médium. (Ref. 3, Cap. XII.)

2 - Sensitivos ou Impressionáveis

São aqueles cuja mediunidade se manifesta através de uma sensação física experimentada pelo médium, à aproximação do espírito. Assim, o médium impressionável, ainda que não ouça ou veja um Espírito, sente a sua presença pelas reações em seu organismo.

Do teor dessas reações, pode o médium deduzir a condição do Espírito: Rebelde, perseguidor, evoluído, dócil, etc.

Com o exercício, o médium chega a identificar, individualmente, os Espíritos, à sua simples aproximação. (Ref. 1, Cap. XIV)

3 - Auditivos

O médium audiente ouve vozes proferidas pelos Espíritos ou sons por eles produzidos, bem como, sons da própria natureza, que escapam à percepção da audição normal.

Por ser fenômeno de natureza psíquica, é fácil compreender-se que a audição se verifica no órgão perispirítico do médium, por isso, independe de sua audição física. (Ref. 3, Cap IX)

4 - Vidência

Faculdade mediante a qual o médium percebe, pela visão hiperfísica, os Espíritos desencarnados ou não, bem como situações ou paisagens do plano espiritual. Pode-se classificar em:

a) **Vidência ambiente ou local -** Quando o médium percebe o ambiente espiritual em que se encontra, registrando fatos que ali mesmo se desdobram ou então, quadros, sinais e símbolos projetados mentalmente por Espíritos com os quais esteja em sintonia.

b) **Vidência no espaço -** O médium vê cenas, sinais ou símbolos em pontos distantes do local em que se encontra.

c) **Vidência no tempo -** O médium vê cenas, representando fatos a ocorrer (visão profética) ou fatos passados em outros tempos (visão rememorativa).

d) **Psicometria -** Forma especial de vidência que se caracteriza pelo desenvolvimento, no campo mediúnico, de uma série de visões de coisas passadas, desde que, posto em presença do médium um objeto qualquer ligado àquelas cenas. Essa percepção se verifica em vista de tais objetos se acharem impregnados de influências pessoais dos seus possuidores ou dos locais onde se encontravam.

5 - Falantes ou Psicofônicos

Os médiuns falantes ou psicofônicos transmitem, pela palavra falada, a comunicação do Espírito.

É uma das formas de mediunidade mais comuns no intercâmbio mediúnico e é frequentemente denominada de "incorporação".

O médium psicofônico pode ser:

a) **Consciente -** O Espírito comunicante transmite telepaticamente, às vezes de grandes distâncias, as suas ideias ao médium, que as retrata aos encarnados com as suas próprias expressões.

b) **Semiconsciente -** Estabelecida a sintonia, ou equilíbrio vibratório, o Espírito comunicante, através do perispírito do médium, entra em contato com este, passando a atuar sobre o campo da fala e outros centros motores do médium.

Não há afastamento acentuado do Espírito do médium e este não perde a consciência ou conhecimento do que se passa.

Sujeita-se, espontaneamente, à influência do Espírito comunicante, mas o controla devidamente, podendo reagir a qualquer momento a essa influência, pela própria vontade.

O Espírito, apesar de não ter domínio completo sobre o médium, pode expressar com mais fidelidade as suas ideias, do que no caso anterior.

Na psicofonia semiconsciente, o comunicante é a ação, mas o médium personifica a vontade. (Ref. 3, Cap. XI)

c) **Inconsciente -** Também denominada psicofonia sonambúlica, se processa com o afastamento do Espírito do médium de seu corpo.

O comunicante utiliza-se mais livremente dos implementos físicos do medianeiro, pelo que a sua comunicação é mais fiel e isenta de "interpretações" por parte do médium. É comum, nesse caso, observada a afinidade, o Espírito retratar também, com maior ou menor nitidez, o tom de voz, as maneiras e até mesmo o seu aspecto físico característico.

Se o comunicante é um Espírito de inteira confiança do médium, este se afasta, tranquilamente, cedendo-lhe o campo somático, como que entrega um instrumento valioso às mãos de um artista emérito que o valoriza.

Quando, no entanto, o irmão que se manifesta se entrega à rebeldia ou perversidade, o médium, embora afastado do corpo, age na condição de um enfermeiro vigilante que cuida do doente necessitado. Esse controle é pacífico, porque a mente superior subordina as que lhe situam à retaguarda nos domínios do Espírito.

Quando se trata de uma entidade intelectualmente superior ao médium, porém, degenerada ou perversa, a fiscalização corre por conta dos mentores espirituais do trabalho mediúnico.

Se a psicofonia inconsciente ou sonambúlica se manifesta em um médium desequilibrado – sem méritos morais – ou irresponsável, pode conduzi-lo à subjugação (possessão), sempre nociva e que, por isso, apenas se evidencia integral nos obsessos que renderam às forças vampirizantes.

6 - Sonambúlicos

No sonambulismo vemos duas ordens de fenômenos:

a) O sonâmbulo, propriamente dito, que age sob a influência de seu próprio Espírito.

É a sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe fora dos limites dos sentidos.

Suas ideias são, em geral, mais justas do que no estado normal; seus conhecimentos mais dilatados, porque tem livre a alma.

b) O médium sonambúlico, ao contrário, é um instrumento passivo e o que diz não vem de si mesmo.

Enquanto o sonâmbulo exprime o seu próprio pensamento, o médium exprime o de outrem; confabula com os Espíritos e nos transmite os seus pensamentos. (Ref. 1, Cap. XIV.)

Médium sonambúlico, portanto, é aquele que, em estado de transe, se desprende do corpo e, nessa condição de "liberdade", nos descreve o que vê, o que sente e ouve no plano Espiritual.

Esta mediunidade é denominada por André Luiz como **desdobramento** e assim é também classificada por diversos autores. (Ref. 2, Cap. XI.)

7 - Curadores

A mediunidade de cura é a capacidade que certos médiuns possuem de provocar reações reparadoras de tecidos e órgãos de corpo humano, inclusive os oriundos de influenciação Espiritual.

Nesse campo é muito difundida a prática de "passes" individuais ou coletivos, existindo dois tipos, assim discriminados:

a) Passe ministrado com os recursos magnéticos do próprio médium;

b) Passe ministrado com recursos magnéticos hauridos, no momento, do Plano Espiritual.

No primeiro caso, o médium transmite ao doente suas próprias energias fluídicas, operando assim, um simples trabalho de magnetização.No segundo, com a presença do médium servindo de polarizador, um Espírito desencarnado faz sobre o doente a aplicação, canalizando para ele os fluidos reparadores. (Ref. 3, Caps. XII e XX).

Efeitos físicos – Também no campo de Efeitos Físicos, comumente, encontramos médiuns que se dedicam às curas, realizando alguns, inclusive, operações de natureza extrafísica, em doentes tidos como incuráveis, cujos resultados benéficos são imediatos, contrariando, desse modo, todo o prognóstico da ciência terrena.

8 - Psicografia

Faculdade mediúnica, através da qual os Espíritos se comunicam pela escrita manual.

Os médiuns psicógrafos se classificam em:

a) Médium mecânico

Quando o Espírito atua sobre os centros motores do médium, impulsionando diretamente a sua mão. Esta se move sem interrupção e sem embargo do médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa que dizer.

Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência de que escreve.

b) Médium intuitivo

O Espírito não atua sobre a mão para fazê-la escrever; atua sobre o Espírito do médium que, percebendo seu pensamento, transcreve-o no papel.

Nessa circunstância, não há inteira passividade; o médium recebe o pensamento do Espírito e o transmite. Tendo, portanto, consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento.

A ideia nasce à medida que a escrita vai sendo traçada e essa pode estar mesmo fora dos limites dos conhecimentos e da capacidade do médium.

Enquanto o papel do médium mecânico é o de uma máquina o médium intuitivo age como um intérprete. Para transmitir o pensamento, precisa compreendê-lo, apropriar-se dele, para traduzi-lo fielmente.

c) Médium semimecânico

No médium mecânico o movimento da mão independe da vontade; no médium intuitivo esse movimento é voluntário. O médium semimecânico participa dos dois gêneros: Sente que à sua mão é dada uma impulsão, mas, ao mesmo tempo, tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam.

Assim, no médium mecânico, o pensamento vem depois do ato da escrita; no intuitivo o pensamento precede a escrita e no semimecânico o pensamento acompanha a escrita. (Ref. 1, Cap. XV.)

9 - Poliglotas

Médiuns que, no estado de transe, possuem a capacidade de se exprimirem em línguas estranhas às suas próprias, embora no estado normal não conheçam estas línguas.

Essa mediunidade é denominada **xenoglossia** e tem causa no recolhimento de valores intelectuais do passado, os quais repousam na subconsciência do médium. Só pode ser o médium poliglota aquele que já

conheceu, noutros tempos, o idioma pelo qual se expressa durante o transe. (Ref. 4, Cap. XXXVIII.)

10 - Pressentimentos

Os médiuns de pressentimentos ou proféticos são pessoas que, em dadas circunstâncias, têm uma intuição vaga de coisas vulgares que ocorrerão ou, permitindo-o a Espiritualidade, têm a revelação de coisas futuras de interesse geral e são incumbidos de dá-las a conhecer aos homens, para sua instrução.

As profecias se circunscrevem às linhas mestras da evolução humana, pelo que é fácil de ser entendida por nós o seu mecanismo, pois, quem já percorreu o caminho, pode retornar atrás e alertar aos da retaguarda sobre seus percalços.

No que diz respeito ao campo individual, pode um Espírito falar a respeito de determinadas provas programadas pela própria pessoa antes da reencarnação.

Seja, no entanto, no plano geral ou no plano individual, as profecias são sempre relativas, já que, detendo a criatura o "livre-arbítrio" poderá em qualquer época, consoante a sua vontade, modificar as circunstâncias de sua vida, imprimindo-lhe novos rumos e, portanto, alterar os prognósticos que naturalmente se cumpririam se não fosse a sua deliberação.

11 - Intuição

Faculdade que permite ao homem receber, no seu íntimo, as inspirações e sugestões da Espiritualidade.

Desenvolve-se por não ter caráter fenomênico, à medida que a criatura se espiritualiza.

Para a intuição pura, portanto, todos nós caminhamos, constituindo a sua conquista um patrimônio da criatura espiritualizada.

12 – Referências

(1) "O Livro dos Médiuns", Allan Kardec - 29ª Ed. - FEB
(2) "Nos Domínios da Mediunidade", André Luiz - 2ª Ed. - FEB
(3) "Mediunidade", Edgard Armond - 9ª Ed. - LAKE
(4) "Estudando a Mediunidade", José Martins Peralva - 4ª Ed. - FEB

Capítulo VII

A Casa Mental

1 - As três partes da Mente (Ref. 2)

Precisamos avaliar corretamente a natureza dos nossos instintos e apetites básicos, a fim de que, melhor equipados, possamos controlá-los.

O mundo, neste particular, está em débito para com Sigmund Freud, o descobridor da Psicanálise, em virtude de ter sido ele o primeiro homem a passar a mente humana pelos raios X com êxito, descrevendo seus complicados trabalhos.

De acordo com sua teoria, a mente está dividida em três partes:

1. **O inconsciente;**
2. **O consciente;**
3. **A consciência.**

Freud deu a estas três partes da mente nomes técnicos específicos, chamando: O inconsciente de **id**; o consciente de **ego** e a consciência de **superego**.

2 - A casa construída por Freud (Ref. 2)

Se fizermos uma ideia de que a mente é uma pequena casa, poderíamos chamar o inconsciente de porão – andar subterrâneo; o consciente de andar principal, parte da casa onde realmente vivemos e nos entretemos, e a consciência – censor moral, a polícia, seria o sótão.

É lógico presumirmos que o porão não é tão limpo ou não está tão em ordem como a parte de cima. Na maioria das casas o porão torna-se um lugar para despejo, onde se armazena quantidade de velharias e, ao mesmo tempo, onde se localiza o sistema de abastecimento de toda a casa.

3 - O sistema nervoso é a casa de Freud (Ref. 1, pág. 42.)

No sistema nervoso, temos o cérebro inicial, repositório dos movimentos instintivos e sede das atividades subconscientes; figuremo-lo como sendo o porão de sua individualidade, onde arquivamos todas as experiências e registramos os menores fatos da vida. Na região do córtex motor, zona intermediária entre os lobos frontais e os nervos, temos o cérebro desenvolvido, consubstanciando as energias motoras de que se serve a nossa mente para as manifestações imprescindíveis no atual momento evolutivo do nosso modo de ser.

Nos planos dos lobos frontais, silenciosos ainda para a investigação científica do mundo, jazem materiais de ordem sublime, que conquistaremos gradualmente, no esforço de ascensão, representando a parte mais nobre de nosso organismo divino em evolução.

Não podemos dizer que possuímos três cérebros simultaneamente. Temos apenas um que, porém, se divide em três regiões distintas. Tomemo-lo como se fora um castelo de três andares; no primeiro situamos a "residência de nossos impulsos automáticos", simbolizando o sumário vivo dos serviços realizados; no segundo localizamos o "domicílio das conquistas atuais", onde se erguem e se consolidam as qualidades nobres que estamos edificando; no terceiro, temos "a casa das noções superiores", indicando as eminências que nos cumpre atingir.

4 - Referências

(1) "No Mundo Maior", Cap.. III - André Luiz - FEB - 1962.
(2) "Ajuda-te pela Psiquiatria", Frank S. Caprio - IBRASA - 1959.

Capítulo VIII

Reflexo Condicionado

1 - Conceituação e classificação

Há reflexos que nascem com o indivíduo, e se transmitem, invariáveis, através das gerações: O do tremor de frio, o da deglutição, o do piscar, por exemplo. Podem desaparecer com a idade, ou só se manifestam em determinadas épocas da vida; mas sempre reaparecem, na geração seguinte, com o mesmo tipo, observando a mesma cronologia. Os reflexos exclusivamente medulares, bulbares e cerebelosos, estão nesta categoria e receberam a designação de reflexos incondicionados, ou congênitos.

Ao lado dos reflexos incondicionados, cada animal, individualmente, apresenta um grande número de atividades reflexas particulares, que não se encontram, necessariamente, em todos os seres da mesma espécie.Os cães, em geral, segregam saliva quando lhes coloca alimento na boca: Esta secreção é um reflexo incondicionado, ou congênito. Mas certo cão pode segregar saliva quando vê o homem que o costuma alimentar, ou o prato em que lhe trazem comida:A secreção será agora um reflexo adquirido ou condicionado.

O estudo experimental dos reflexos condicionados deve-se ao fisiologista russo contemporâneo I. P. Pavlov (1849-1936). Para tornar mais fácil, e ao mesmo tempo, rigorosamente objetiva a observação do fenômeno, Pavlov investigou sobretudo o reflexo salivar do cão, depois de haver praticado no animal uma fístula que comunicava uma das parótidas ou das submaxilares com o exterior, trazendo para a superfície cutânea a extremidade do respectivo canal excretor. A saliva que goteja é recolhida num tubo de vidro preso ao canal. Torna-se assim possível notar a marcha do fenômeno e medir a sua intensidade contando o número de gotas por minuto. Aliás, a contagem de laboratório executada por Pavlov é hoje feita automaticamente, por dispositivo elétrico.

As conclusões básicas das experiências de Pavlov são as seguintes:

Quando se introduz subitamente alimento na boca do cão, aparece, um

os dois segundos depois, o fluxo salivar. A secreção é neste caso, ocasionada pelas propriedades físicas e químicas de alimento, atuando sobre os receptores nervosos da mucosa bucal. A secreção assim determinada é um reflexo congênito, encontrado em todos os cães, sem dependência com o aprendizado anterior.

Faça-se a mesma experiência, de introduzir alimento na boca do cão; mas, de cada vez, combine-se com o estímulo natural um impulso qualquer, indiferente, como, por exemplo, as pancadas de um metrônomo. Ao fim de alguns dias de repetição, o estímulo indiferente, o estímulo sinal, como diz Pavlov, adquire a propriedade de, por si só, provocar a secreção salivar. Basta que o cão ouça o metrônomo, para que imediatamente a glândula salivar se ponha em atividade. O fenômeno toma nome de reflexo condicionado, ou adquirido, não observado em todos os cães, mas unicamente nos que sofrem prévio aprendizado.

2 - Referências

(1) “No Mundo Maior” - Caps. III, IV e VII - André Luiz - FEB - 1962.
(2) Novo Testamento - Mateus 26:41
(3) “Elementos de Anatomia e Fisiologia Humanas”, Almeida Júnior - Companhia Editora Nacional - 1958.
(4) “O Homem”, Orieux, M. - Everaere, M - Leite, João d’Andrade - Ed. Liceu - 1967.
(5) “O Corpo Humano”, Kahn, Fritz - Ed.Civilização Brasileira S/A - 1962.

Capítulo IX

Influência Moral do Médium

O desenvolvimento da mediunidade guarda relação com o desenvolvimento moral dos médiuns?

"- Não; a faculdade propriamente dita se radica no organismo; independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom, ou mau, conforme as qualidades do médium". (Ref. 1, Cap. XX - 226).

1 - Afinidade

Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande, sob o aspecto moral. Pois que, para se comunicar, o Espírito desencarnado se identifica com o Espírito do médium, esta influência não se pode verificar, se não havendo, entre um e outro, simpatia e, se assim é, lícito dizer-se, afinidade. A alma exerce sobre o espírito livre uma espécie de atração, ou repulsão, conforme o grau de semelhança existente entre eles. Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium exercem influência capital sobre a natureza dos Espíritos que por ele se comunicam. Se o médium é vicioso, em torno dele se vem grupar espíritos inferiores, sempre prontos a tomar lugar dos bons Espíritos evocados. As qualidades que, de preferência, atraem os bons Espíritos são: A bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor ao próximo, o desprendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: O orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria. (Ref. 1 - Cap. XX - 227).

Todas as imperfeições morais são outras tantas portas abertas ao acesso dos maus Espíritos. A que, porém, eles exploram com mais habilidade é o orgulho, porque é a que a criatura menos confessa a si mesma. O orgulho tem

perdido muitos médiuns dotados das mais belas faculdades e que, se não fora esta imperfeição, teriam podido tornar-se instrumentos notáveis e muito úteis, ao passo que, presas de Espíritos mentirosos, suas faculdades, depois de se haverem pervertido, aniquilaram-se e mais de um se viu humilhado por amaríssimas decepções. (Ref. 1. Cap. XX - 228).

A par disso, ponhamos em evidência o quadro do médium verdadeiramente bom, daquele em quem se pode confiar. Supor-lhe-emos, antes de tudo, uma grandíssima facilidade de execução, que permita se comuniquem livremente os Espíritos, sem encontrarem qualquer obstáculo material. Isto posto, o que mais importa considerar é de que natureza são os Espíritos que habitualmente o assistem, para o que não nos devemos ater aos nomes, porém à linguagem. Jamais deverá ele perder de vista que a simpatia, que lhe dispensam os bons Espíritos, estará na razão direta de seus esforços por afastar os maus. Persuadido de que a sua faculdade é um dom que só lhe foi outorgado para o bem, de nenhum modo procura prevalecer-se dela, nem apresentá-la como demonstração de mérito seu. Aceita as boas comunicações, que lhe são transmitidas, como uma graça, de que lhe cumpre tornar-se cada vez mais digno, pela sua bondade, pela sua benevolência e pela sua modéstia. O primeiro se orgulha de suas relações com os Espíritos superiores; este outro se humilha, por se considerar sempre abaixo desse favor. (Ref. 1, Cap. XX - 229).

2 - Médium perfeito

"Sempre se há dito que a mediunidade é um dom de Deus, uma graça, um favor. Por que, então, não constitui privilégio dos homens de bem e porque se veem pessoas indignas que a possuem no mais alto grau e que dela usam mal?"

"Todas as faculdades são favores pelos quais deve a criatura render graças a Deus, pois que homens hão privados delas. Podereis igualmente perguntar por que concede Deus vista magnífica a malfeitores, destreza a gatunos, eloquência aos que dela se servem para dizer coisas nocivas. O mesmo se dá com a mediunidade. Se há pessoas indignas que a possuem, é que disso precisam mais do que as outras, para se melhorarem".

"Os médiuns, que fazem mau uso das suas faculdades, que não se servem delas para o bem, ou que não as aproveitam para se instruírem, sofrerão as consequências dessa falta?"

"Se delas fizerem mau uso, serão punidos duplamente, porque têm um meio de mais se esclarecerem e o não aproveitam. Aquele que vê claro e tropeça é mais censurável do que o cego que cai no fosso."

"Há médiuns aos quais, espontaneamente e quase constantemente, são dadas comunicações sobre o mesmo assunto, sobre certas questões morais, por exemplo, sobre determinados defeitos. Terá isso algum fim?"

"Tem, e esse fim é esclarecê-los de certos defeitos. Por isso é que uns falarão continuamente do orgulho, a outros, da caridade. É que só a saciedade lhes poderá abrir, afinal, os olhos. Não há médium que faça mau uso da sua faculdade, por ambição ou interesse, que a comprometa por causa de um defeito capital, como o orgulho, o egoísmo, a leviandade, etc. E que, de tempos a tempos, não receba admoestações dos Espíritos. O pior é que as mais das vezes, eles não as tomam como dirigidas a si próprias".

"Será absolutamente impossível as obtenham boas comunicações por um médium imperfeito?"

"Um médium imperfeito pode algumas vezes obter boas coisas, porque, se dispões de uma bela faculdade, não é raro que os bons Espíritos se sirvam dele, à falta de outro, em circunstâncias especiais; porém, isso só acontece momentaneamente, porquanto, desde que os Espíritos encontrem um que mais lhe convenha, dão preferência a este".

"Qual o médium que se poderia qualificar de perfeito?"

"Perfeito, ah! Bem sabes que a perfeição não existe na Terra, sem o que não estaríeis nela. Dize, portanto, bom médium, e já é muito, por isso que eles são raros. Médium perfeito seria aquele contra o qual os maus Espíritos jamais ousariam uma tentativa de enganá-lo. O melhor é aquele que, simpatizando somente com bons Espíritos, tem sido o menos enganado".

"Se ele só com os bons Espíritos simpatiza, como permitem estes que seja enganado?"

"Os bons Espíritos permitem, às vezes, que isso aconteça com os melhores médiuns, para lhes exercitar a ponderação e para lhes ensinar a discernir o verdadeiro do falso. Depois, por muito bom que seja, um médium jamais é tão perfeito, que não possa ser atacado por algum lado fraco. Isso lhe deve servir de lição.As falsas comunicações, que de tempos em tempos ele recebe, são avisos para que não se considere infalível e não se ensoberbeça".

"Quais as condições necessárias para que a palavra dos Espíritos superiores nos chegue isenta de qualquer alteração?"

"Querer o bem; repulsar o egoísmo e o orgulho. Ambas essas coisas são necessárias". (Ref. 1, Cap. XX - 226)

3 - Repelir dez verdades a aceitar uma falsidade

Desde que uma opinião nova venha a ser expedida, por pouco que vos pareça duvidosa, fazei-a passar pelo crivo da razão e da lógica e rejeitai

desassombradamente o que a razão e o bom senso reprovarem. É melhor repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea. Efetivamente, sobre essa teoria podereis edificar um sistema completo, que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre a areia movediça, ao passo que, se rejeitardes hoje algumas verdades, porque não vos são demonstradas claras e logicamente, mais tarde um fato brutal ou uma demonstração irrefutável virá afirmar-vos a sua autenticidade." (Ref. 1, Cap. XX - 230)

4 - Referências

(1) "O Livro dos Médiuns", Kardec, Allan - 29ª Ed. - FEB

Capítulo X

Da Influência do Meio

"O meio em que se acha o médium exerce alguma influência nas manifestações?"

"Todos os Espíritos que cercam o médium o auxiliam, para o bem ou para o mal." (Ref. 1, Cap. XXI - 231)

1 - Comunicações espelhando as ideias presentes

Os Espíritos superiores procuram encaminhar para uma corrente de ideias sérias as reuniões fúteis?

"Os Espíritos superiores não vão às reuniões onde sabem que a presença deles é inútil. Nos meios pouco instruídos, mas onde há sinceridade, de boa mente vamos, ainda mesmo que aí só encontremos instrumentos medíocres. Não vamos, porém, aos meios instruídos onde domina a ironia. Em tais meios, é necessário se fale aos ouvidos e aos olhos: Esse o papel dos Espíritos batedores e zombeteiros. Convém que aqueles que se orgulham da sua ciência sejam humilhados pelos Espíritos menos instruídos e menos adiantados".

Aos Espíritos inferiores é interditado o acesso às reuniões sérias?

"Não, algumas vezes lhes é permitido assistir a elas, a fim de aproveitarem os ensinos que vos são dados (Ref. 1, Cap. XII - 231)".

Partindo desse princípio, suponhamos uma reunião de homens levianos, inconsequentes, ocupados com seus prazeres; quais serão os Espíritos que preferencialmente os cercarão?

"Não serão, de certo, os Espíritos superiores, do mesmo modo que não seriam os nossos sábios e filósofos os que iriam passar o seu tempo em semelhante lugar. Assim, onde quer que haja uma reunião de homens, há

igualmente em torno deles uma assembleia oculta, que simpatiza com suas qualidades e seus defeitos, feita abstração completa de toda a ideia de evocação. Admitamos agora que tais homens tenham a possibilidade de se comunicarem com seres do mundo invisível, por meio de um intérprete, isto é, por meio de um médium; quais serão os que lhes responderão o chamado? Evidentemente, os que os estão rodeando de muito perto, à espreita de uma ocasião de se comunicarem. Se numa assembleia fútil, chamarem um Espírito superior, este poderá vir e até proferir algumas palavras poderosas, como um bom pastor que acode ao chamamento de suas ovelhas desgarradas. Porém, desde que não se veja compreendido nem ouvido, retire-se, como em seu lugar o faria qualquer de nós, ficando os outros com o campo livre". (Ref. 1, Cap. XXI - 232)

"Quando as comunicações concordam com a opinião dos assistentes, não é que essa opinião se reflita no Espírito do médium como num espelho; é que com os assistentes estão Espíritos que lhes são simpáticos, para o bem, tanto para o mal, e que abundam nos seus modos de ver. Prova-o o fato de que, se tiverdes a força de atrair outros Espíritos, que não os vos cercam, o mesmo médium usará linguagem absolutamente diversa e dirá coisas muito distanciadas das vossas ideias e das vossas convicções.

"Em resumo: As condições dos meios serão tanto melhores quanto mais homogeneidade houver para o bem, mais sentimento puros e elevados, mais desejo sincero de instrução, sem ideias preconcebidas". (Ref. 1, Cap. XXI - 233)

"É preciso, portanto, que (os médiuns) somente frequentem sessões onde encontrem ambientes verdadeiramente espiritualizados, onde imperem as forças boas e onde as más, quando se apresentarem, possam ser dominadas. E sessões desta natureza só podem existir onde haja, da parte de seus dirigentes, um objetivo elevado a atingir, fora do personalismo e da influência de interesses materiais, onde os dirigentes estejam integrados na realização de um programa elaborado e executado em conjunto com entidades espirituais de hierarquia elevada".

Sem espiritualidade não se consegue isso; sem evangelho não se consegue espiritualidade e sem propósito firme e perseverante de reforma moral não se realiza o evangelho. (Ref. 2, Pág. 84)

2 - Superação de obstáculos naturais

"Precisa, por outro lado (o médium), criar um ambiente doméstico favorável, pacífico, fugindo às discussões estéreis e desentendimentos, e sofrer

as contrariedades inevitáveis com paciência e tolerância evangélicas. Como pai, como irmão ou como filho, mas, sobretudo, como esposo, deve viver em seu lar como um exemplo vivo de pacificação, de acomodação, de conselho e de boa vontade.Não esqueça que, em sua qualidade de médium de prova, ainda não desenvolvido, ou melhor educado, representa sempre uma porta aberta a influências perniciosas de caráter inferior que, por seu intermédio, comumente atingem os indivíduos com quem convive. E, quanto à sua vida social, deve exercer seus deveres com rigor e honestidade, guardando-se, porém, de se deixar contaminar pelas influências malévolas naturais dos meios em que se põem em contato indivíduos de toda espécie, sem homogeneidade de pensamentos, crenças, educação e sentimentos". (Ref. 2, Pág. 102)

Na série de obstáculos que, em muitas ocasiões, parecem inteligentemente determinados a lhe entravarem o passo, repontam os mais imprevistos contratempos à frente do servidor da desobsessão.

Uma criança cai, explodindo em choro...
Desaparece a chave de uma porta...
Um recado chega, de imprevisto, suscitando preocupações...
Alguém chama para solicitar um favor...
Certo familiar se queixa de dores súbitas...
Colapso do sistema de condução...
Dificuldades de trânsito...

O colaborador do serviço de socorro aos desencarnados sofredores não pode hesitar. Providencie, de imediato, as soluções razoáveis para esses pequeninos problemas e siga ao encontro das obrigações espirituais que o aguardam, lembrando-se de que mesmo as festas de natureza familiar, quais sejam as comemorações de aniversário ou os júbilos por determinados eventos domésticos, não devem ser categorizados à conta de obstrução". (Ref. 3, Cap. VII)

3 - Homogeneidade de pensamentos

"O capítulo "mandato mediúnico" dá-nos margem para verificarmos a extensão do auxílio dispensado ao médium investido de tal encargo.Mesmo nos ambientes heterogêneos, onde os pensamentos inadequados poderiam influenciá-lo levando-o a equívocos, a proteção se faz de modo eficiente e sumamente confortador. Além do seu próprio equilíbrio, autodefesa decorrente das virtudes que exornam a sua pessoa, tais como as referidas anteriormente e

consideradas essenciais ao mandato mediúnico, trabalha o médium dentro de uma faixa magnética que o liga ao responsável pela obra de que está incumbido, segundo verificamos nas palavras a seguir transcritas:Entre Dona Ambrosina e Gabriel destacava-se agora extensa faixa elástica de luz azulínea, e amigos espirituais, prestos na solidariedade, nela entravam e, um a um, tomavam o braço da medianeira, depois de lhe influenciarem os centros corticais, atendendo, tanto quanto possível. Aos problemas ali expostos".

Essa faixa de luz – partindo do irmão Gabriel e envolvendo inteiramente a médium – tem a finalidade de defendê-la contra a avalanche de formas-pensamentos dos encarnados e dos desencarnados menos esclarecidos, os quais, em sua generalidade, carreiam aflitivos problemas e dolorosas inquietudes.

Nenhuma interferência ao receituário, graças a essa barreira magnética que a sua condição de médium no exercício do mandato e a magnitude da tarefa justificam plenamente.

"Ao que tem, mais lhe será dado" – afirmou o Mestre Divino.

Os pensamentos de má vontade, de vingança e revolta, bem assim os de curiosidade, não conseguem perturbar a tarefa do médium que, no espírito de sacrifício e no devotamento do bem, se edificou em definitivo.

Bondade, discrição, discernimento, perseverança e sacrifício somam, na contabilidade do Céu, proteção e ajuda. (Ref. 4, Cap. XXV)

"Não podemos entender serviço mediúnico sem noção de responsabilidade individual".

É inconcebível se promova o intercâmbio com a Espiritualidade sem que haja, da parte de cada um e de todos, em conjunto, aquela nota de respeito e veneração que nos faz servir, "espiritualmente ajoelhados", às tarefas mediúnicas.

Os amigos Espirituais consagram tanto respeito ao setor mediúnico que o assistente Áulus, ao se dirigir para sala de reuniões, teve as seguintes palavras que, de maneira expressiva, e singular, traduzem a maneira como encaram o serviço:

> *"Vemos aqui o salão consagrado aos ensinamentos públicos. Todavia, o núcleo que buscamos (sala de sessões mediúnicas), jaz em reduto íntimo, assim o coração dentro do corpo".*

E, referindo-se à preparação dos encarnados, antes do início dos trabalhos, reporta-se a:

> *"Quinze minutos de prece, quando não sejam de palestra ou leitura com elevadas bases morais".*

Não se justifica, realmente, que antes das reuniões, demorem-se os encarnados em conversações inteiramente estranhas às suas finalidades.Não se justificam a conversação inadequada e o ambiente impregnado de fumo, numa ostensiva desatenção a respeitáveis entidades e num desapreço aos irmãos sofredores trazidos aos centros afins de que, em ambiente purificado, sejam superiormente atendidos.

Há grupos em que os encarnados se comprazem, inclusive, em palestras desaconselháveis que estimulam paixões, tais como, política, negócios e alusões a companheiros ausentes, numa prova indiscutível de que não colaboram para que os recintos reservados às tarefas espirituais adquiram a feição de templos iluminativos.

Salientando o sentimento de responsabilidade dos dez companheiros do grupo visitado, Áulus esclarece:

> *"Sabem que não devem abordar o mundo espiritual sem a atitude nobre e digna que lhes outorgará a possibilidade de atrair companhias edificantes, e, por este motivo, não comparecem aqui sem trazer ao campo que lhes é invisível as sementes do melhor que possuem".*

Tendo Jesus Cristo afirmado que estaria sempre, "onde duas ou três pessoas se reunissem em seu nome", estamos convictos de que, onde o trabalho se realizar sob a inspiração de seu amor, num palacete ou num casebre, a Sua Presença se fará por meio de iluminados mensageiros." (Ref. 4 - Cap. XXXII)

4 - Referências

(1) "O Livro dos Médiuns", Allan Kardec - 29ª Ed. - FEB
(2) "Mediunidade", Edgard Armond - 9ª Ed. LAKE
(3) "Desobsessão", Luiz André - 1ª Ed. - FEB
(4) "Estudando a Mediunidade", José Martins Peralva - 4ª Ed. - FEB

Capítulo XI

Educação Mediúnica

"A educação mediúnica tem, pois, duas etapas bem definidas: A primeira é o treinamento, em si mesmo, das faculdades mediúnicas que possuírem, e a segunda é a utilização dessas faculdades no campo da propagação e do esclarecimento evangélico". (Ref. 1, Pág. 85)

1 - Orientação doutrinária

A maioria dos médiuns que buscam as reuniões mediúnicas, em função de suas faculdades, trazem consigo a mediunidade de "provas e expiações" e, comumente, não dispõem de base suficiente para sua condução segura neste complexo terreno do exercício mediúnico.

É necessário, portanto, que lhe seja oferecido, em primeiro lugar, uma eficiente orientação doutrinária. O médium não pode exercer bem a tarefa de intermediária entre os Espíritos e os homens quando não tem, nem ao menos, conhecimentos elementares do plano espiritual, das Leis que o regem e de suas relações com o plano corpóreo.

É indispensável que o médium leia, estude e se oriente, frequentando reuniões especializadas, e ainda busque esclarecer-se doutrinariamente, com aqueles que dirigem trabalhos mediúnicos e, portanto, contam com maiores recursos e mais vivência neste setor.

O estudo da Doutrina Espírita deve, pois, preceder ao exercício mediúnico, uma vez que, sem aquele, o médium dificilmente poderá se beneficiar das luzes que o Espiritismo oferece às criaturas, na sua feição de processo libertador de consciências, conduzindo a visão do homem a horizontes mais altos da vida.

Havendo essa disposição, o médium buscará, inicialmente, o conhecimento dos princípios básicos ou fundamentais da Doutrina que lhe darão uma exata visão do seu conjunto. "O Livro dos Espíritos", estudado ordenadamente nos oferece esse conhecimento.

Paralelamente ao estudo da filosofia espírita e de seus princípios básicos, o médium estudará a mediunidade, propriamente dita, tomando conhecimento das Leis que regem o intercâmbio entre os Espíritos e os homens. Quanto mais conhecimento o médium possuir da questão mediúnica, melhor possibilidade terá de atender, equilibradamente, a sua tarefa de medianeiro entre os dois planos da vida.

2 - Roteiro evangélico

Não basta ao médium apenas se inteirar acerca da Doutrina Espírita e das questões mediúnicas. A fim de atender bem ao mandato que lhe foi confiado pela Espiritualidade, é necessário entregar-se à prática evangélica para que o seu trabalho produza benefícios para si e para a humanidade.

"Com o evangelho no coração e a Doutrina Espírita no entendimento, podemos, sem dúvida, promover o bem-estar físico e psíquico, de quantos realmente interessados na própria renovação, se tornarem objeto de nossas criações mentais. E o que será não menos importante e fundamental:Consolidaremos o próprio equilíbrio interior, correspondendo, assim, à confiança daqueles que, na Espiritualidade mais Alta, aguarda a migalha da nossa boa vontade". (Ref. 2)

3 - Exercícios psíquicos

Atendida a etapa anterior, o medianeiro buscará uma reunião de "educação mediúnica", cujos trabalhos se desenvolvem em duas partes:Estudos concernentes à mediunidade e, exercícios psíquicos, quando os médiuns presentes, por alguns minutos, entregam-se à concentração, durante a qual irão exercitando as suas faculdades mediúnicas e buscando o aprimoramento da sensibilidade psíquica.A condução destes exercícios estará, naturalmente, a critério do dirigente da reunião que instruirá os médiuns durante os mesmos.

4 - Referências

(1) "Mediunidade", Edgard Armond - 9ª Ed. LAKE
(2) "Estudando a Mediunidade", José Martins Peralva - 4ª Ed. - FEB

Capítulo XII

Exercício Mediúnico

1 - Condições físicas: Idade - Saúde - Equilíbrio Psíquico

"Todavia o que ressalta com clareza das respostas acima é que não se deve forçar o desenvolvimento dessas faculdades nas crianças, quando não é espontânea, e que, em todos os casos se deve proceder com grande circunspeção, não convindo nem excitá-las, nem animá-las nas pessoas débeis.Do seu exercício cumpre afastar, por todos os meios possíveis as que apresentam sintomas, ainda que mínimos, de excentricidade nas ideias, ou de enfraquecimento das faculdades mentais". (Ref. 1, Pág. 221)

Sabemos que a faculdade mediúnica, em si, independe da condição física do médium. Assim, poderá manifestar-se, com imensa intensidade, tanto no homem, quanto na mulher, na criança quanto no adulto ou na pessoa de avançada idade.Do mesmo modo, o estado orgânico também não apresenta qualquer obstáculo para o fenômeno mediúnico, podendo este se manifestar (aliás é muito comum) na pessoa enferma física ou psiquicamente.

Essa espontaneidade não justifica, no entanto, que a criatura, em qualquer circunstância, venha indiscriminadamente entrega-se ao exercício mediúnico. Deve, ao contrário, prevalecer o bom senso que nos indicará o roteiro certo a seguir.

Uma criança, por exemplo, pelo simples fato de, espontaneamente ser um excelente sensitivo, não pode trabalhar mediunicamente, sem sérios riscos para si própria. O exercício destas funções pode causar sobreexcitação ao seu psiquismo e, independente disto, falta-lhe a experiência e amadurecimento imprescindíveis para um trabalho de tal envergadura.

Uma pessoa muito idosa, da mesma maneira, poderá sentir dificuldade para atender regularmente a esta sacrificial tarefa, pois sua própria constituição física oferece obstáculos, mormente, quando se trata da mediunidade psicofônica, no trato com irmãos desencarnados em desequilíbrio.

O enfermo, por outro lado, também deverá se abster da prática

mediúnica, que pode lhe acarretar dispêndio de energias, prejudicial ao seu organismo.

Assim, pois, o médium amadurecido mental e psiquicamente, buscará se valer das suas possibilidades físicas e boa disposição orgânica, atendendo perseverantemente à nobre tarefa, consoante a recomendação evangélica:Caminhai enquanto tendes a luz do dia.

2 - Preparação constante: Alimentação - emoções - atitudes

"Nos problemas de intercâmbio com a Esfera superior, antes do progresso medianímico, há que considerar o aprimoramento da personalidade para melhor ajustar-se à obra de perfeição geral"

"Antes de nos mediunizarmos, amemos e eduquemo-nos. Somente assim recebemos das ordenações de mais alto o verdadeiro poder de ajudar". (Ref. 4, pág. 137)

O serviço mediúnico não se restringe à frequência do medianeiro às reuniões práticas do Espiritismo, antes, exigi-lhe um esforço constante de preparação interior, através do qual poderá se apresentar ao trabalho, na posição de instrumento fiel à Divina Vontade.Emoções equilibradas, atitudes dignas e elevadas, alimentação adequada, mormente os dias das reuniões, são fatores imprescindíveis para manter o médium na condição de servidor útil à Espiritualidade Maior.

Alimentação

A esse respeito, transcrevemos a seguinte página:

> *"A alimentação, durante as horas que precedem o serviço de intercâmbio espiritual, será leve. Nada de empanturrar-se o companheiro com viandas desnecessárias. Estômago cheio, cérebro inábil. A digestão laboriosa consome grande parcela de energia, impedindo a função mais clara e mais ampla do pensamento, que exige segurança e leveza para exprimir-se nas atividades da desobsessão. Aconselháveis os pratos ligeiros e as quantidades mínimas, crendo-nos dispensados de qualquer anotação em torno da propriedade do álcool, acrescendo observar que os amigos ainda necessitados do uso do fumo e da carne, do café e dos temperos excitantes, estão convidados a lhes reduzirem o uso, durante o dia determinado para a reunião, quando não lhes seja possível a abstenção total, compreendendo-se que a posição ideal será sempre a do participante dos trabalhos que transpõe a porta do templo sem quaisquer problemas alusivo à digestão". (Ref. 3, Cap. II)*

Emoções e atitudes

A disciplina de nossas atitudes e emoções também deve merecer a melhor atenção, pois, que, durante toda a semana se nutre de emoções menos edificantes e entrega-se a atitudes não recomendáveis, não pode esperar que, no horário destinado ao intercâmbio mediúnico venha "milagrosamente" modificar seu tônus vibracional ou hálito mental, ao contrário, o ato de entregar-se à concentração, buscando alhear-se das interferências exteriores, faz com que, naturalmente, aflore na sua mente, os pensamentos e anseios que normalmente acalenta em seu íntimo.

Toda vigilância, portanto, é indispensável por parte do medianeiro, especialmente, nos dias destinados às reuniões.

"No dia marcado para as tarefas de desobsessão, os integrantes da equipe precisam, a rigor, cultivar atitude mental digna, desde cedo.Ao despertar pela manhã, o dirigente, os assessores da orientação, os médiuns incorporadores, os companheiros da sustentação ou mesmo aqueles que serão visitas ocasionais no grupo, devem elevar o nível do pensamento, seja orando ou acolhendo ideias de natureza superior.Intenções e palavras puras, atitudes e ações limpas. Evitar deliberadamente rusgas e discussões, sustentando paciência e serenidade, acima de quaisquer transtornos que sobrevenham durante o dia.Trata-se de preparação adequada a assunto grava:A assistência a desencarnados menos felizes, com a supervisão de instrutores da Vida Espiritual. Imaginem-se os companheiros no lugar dos Espíritos necessitados de socorro e compreenderão a responsabilidade que assumem.Cada componente do conjunto é peça importante no mecanismo do serviço.Todo grupo é instrumentação". (Ref. 3, Cap. I)

3 - Predisposição evangélica: Autoeducação

Onde a luz definitiva para a vitória do apostolado mediúnico?

"Essa claridade divina está no Evangelho de Jesus, com o qual o missionário deve estar plenamente identificado para a realização sagrada da sua tarefa.O médium sem Evangelho pode fornecer as mais elevadas informações ao quadro das filosofias e ciências fragmentárias da Terra; pode ser um profissional de renome, um agente de experiências do invisível, mas não poderá ser um apóstolo pelo coração.Só a aplicação com o Divino Mestre prepara no íntimo do trabalhador a fibra da iluminação para o amor, e da resistência contra as energias destruidoras, porque o médium evangelizado sabe cultivar a humildade no amor ao trabalho de cada dia, na tolerância

esclarecida, no esforço educativo de si mesmo, na dignificação da vida, sabendo, igualmente, levantar-se para a defesa da sua tarefa de amor, defendendo a verdade sem transigir com os princípios no momento oportuno. O apostolado mediúnico, portanto, não se constitui tão somente da movimentação das energias psíquicas em suas expressões fenomênicas e mecânicas, porque exige o trabalho e o sacrifício do coração, onde a luz da comprovação e da referência é a que nasce do entendimento e da aplicação com Jesus Cristo." (Ref. 2, pág. 411)

4 - Segurança com noção de responsabilidade: Local para o exercício mediúnico - prudência - simplicidade

No atendimento da tarefa mediúnica, guardemos segurança íntima, com noção de responsabilidade; nada de receios, quando nos predispomos ao trabalho com o Senhor, visando o reerguimento espiritual nosso e o auxílio aos que se aproximam de nós.

Estejamos certos de que não podemos nos afastar do caminho que nos foi destinado, sem sérios prejuízos para nós próprios. Todos temos compromissos do passado e precisamos aproveitar ao máximo as oportunidades que o Senhor nos concede, atendendo de boa vontade ao trabalho que nos é peculiar.

O estudo metódico torna-nos mais conscientes de nossas próprias necessidades, colocando-nos em melhores condições para o trabalho.

Busquemos, ainda, no esforço constante, o arejamento mental e a vivência dos ensinamentos cristãos, exemplificando o Evangelho e teremos a ajuda indispensável para que o nosso empreendimento na Divina Seara alcance o êxito desejado.

Local para o trabalho - prudência - Simplicidade

"Médiuns que trabalham isoladamente."

Assim o fazem, geralmente, porque se atribuem com mediunidade educada.

Que é "Mediunidade Educada"?

- Incorporar nos momentos adequados.
- Conservar posições corretas.
- Controlar expressões verbais.
- Conter impulsos para gritar, derrubar móveis e objetos, etc.

Motivos que levam o médium ao trabalho isolado:

- impulso, bem intencionado, para o bem.
- desejo de angariar simpatias.
- alegação que não encontra ambiente propício.
- superestimação da própria faculdade.

Há médiuns que consideram o poder de sua faculdade acima do ambiente e das circunstâncias.

- Estão sujeitos a sérios perigos os médiuns que confiam cegamente em si mesmo, excluindo ou desprezando:
- o estudo evangélico-doutrinário;
- o bom senso;
- a lógica;
- os conselhos dos companheiros.

Um Espírito cruel e violento pode subjugar o médium e provocar tumulto e confusão.

Fatores que, em tese, podem levar Espíritos inferiorizados a se apossarem do médium:

- estado psíquico do médium;
- condições do ambiente;
- desarmonia vibracional dos dois campos, o espiritual e o material, ou humano.

No templo espírita há avançados recursos de amparo Espiritual, tais como:

- proteção dos amigos espirituais;
- colaboração dos companheiros responsáveis pela tarefa, no plano físico;
- harmonia vibratória.

Resumo

Quando o médium for chamado a socorrer alguém, fora do Centro Espírita, em caráter excepcional, deve fazê-lo assistido por companheiros de confiança.” (Ref. 5)

5 - Referências

(1) “O Livro dos Médiuns”, Allan Kardec - 29ª Ed. - FEB
(2) “O Consolador”, Emmanuel - 2ª Ed. - FEB
(3) “Desobsessão”, André Luiz - 1ª Ed. - FEB
(4) “Roteiro”, Emmanuel - 2ª Ed. - FEB
(5) José Martins Peralva -Trabalho apresentado e aprovado no simpósio sobre mediunidade, realizada pela Liga Espírita da Guanabara de 12 a 19 de abril de 1970.

Capítulo XIII

Animismo

1 - Classificação dos fenômenos mediúnicos segundo Aksakof

Aksakof, no século passado, admitiu um tríplice determinismo para os fenômenos mediúnicos, perfeitamente válido à luz dos conhecimentos atuais.

Fenômenos explicáveis unicamente pelas funções clássicas da subconsciência e que, portanto, se situam nos domínios da psicologia-personismo (Aksakof), fenômenos subliminais (Myers), automatismo psicológico (Janet).

Fenômenos explicáveis pelo que hoje denominamos funções Psi ou, como diziam os metapsiquistas, "as faculdades supranormais da subconsciência".

Aksakof reuniu-os sob a denominação de animismo, porque, na realidade, indicam que existe no homem um sistema não físico, uma alma. Infelizmente, a palavra tem várias acepções. Aplica-se à doutrina de Stahl que vê na alma o princípio da vida orgânica; significa a tendência a atribuir vida anímica a todas as coisas, inclusive objetos "inanimados" – como fazem as crianças e os povos primitivos - ou, ainda, a "crença segundo a qual a natureza é regida por almas, espíritos, ou vontades análogas à vontade humana" (Cuvillier - Pequeno vocabulário da língua filosófica".)

O animismo, no sentido que lhe deu o sábio russo, é a terra própria da atual parapsicologia.

"Fenômenos de personismo e de animismo na aparência, porém reconhecem uma causa extramediúnica, supraterrestre, isto é, fora da esfera de nossa existência". (Aksakof - "Animismo e Espiritismo".)

Allan Kardec criou a palavra espiritismo para designar os fenômenos desta natureza e suas implicações filosófico-religiosas. (Ref. 1)

2 - Explicação neurofisiológica

Grosseiramente, diríamos que o cérebro humano possui duas partes distintas no que se refere à sua atuação durante o fenômeno mediúnico. A primeira delas é o subcórtex representado pela substância branca existente no interior do cérebro, e a segunda é o córtex, representado pela substância cinzenta, que envolve a anterior formando uma membrana de alguns milímetros de espessura.No córtex existem por sua vez, duas partes bem configuradas, a anterior, conhecida como lobos frontais e uma outra que compreende todo córtex restante.São chamadas respectivamente córtex frontal e córtex extrafrontal.

Através do estudo de várias questões - ausência de diferenciação cortical nas crianças, psicocirurgias, evolução do cérebro dos animais, etc.- os cientistas chegaram à conclusão que o subcórtex e duas partes do córtex desempenham tarefas definidas e específicas no mecanismo da estruturação mental.

Em síntese, eis, segundo Pavlov, os aspectos básicos de nossa estrutura mental:

Atividade subcortical, representada pelos reflexos incondicionados, inatos (atividades fisiológicas, instintos, emoções).

Atividade cortical, que corresponde aos reflexos condicionados ou adquiridos e desenvolve-se em dois sistemas:

Primeiro sistema de sinalização: Comum aos animais e ao homem, responsável pelo pensamento figurativo, isto é, feito de imagens, concretas e particulares – os sinais da realidade. O primeiro sistema tem como substrato anatômico todo o córtex situado fora das áreas frontais e está em conexão direta com as vias aferentes que relacionam o cérebro com o mundo exterior. É a origem dos reflexos condicionados propriamente ditos.

Segundo sistema de sinalização: Característico da espécie humana e resultante do desenvolvimento da linguagem, conjunto de “sinais de sinais” que possibilitam o pensamento abstrato. Afirma Pavlov, citando seu predecessor Sctchenov, que “os pensamentos são reflexos cujas manifestações exteriores estão inibidas”. Os lobos frontais, onde se encontram os centros motores da palavra, são, principalmente, áreas de associação (áreas pré-frontais) e representam a base estrutural do segundo sistema. (ref. 1)

Em outras palavras, ainda de uma forma um tanto genérica, poderíamos admitir, sob o ponto de vista reencarnacionista, que ao subcórtex corresponde o arquivo de nossas existências pretéritas e ao córtex, em particular ao extrafrontal, corresponde o arquivo da presente existência. O fato

de as crianças serem descorticadas, parece vir a favor de tal hipótese, pois desta forma, o cérebro perispiritual teria plasmado durante a gestação, apenas o subcórtex, retratando nele somente a parte de seu acervo que se torna necessária ao espírito durante esta última existência.

3 - O mecanismo dos fenômenos mediúnicos

Conjugando-se a classificação de Aksakof com a hipótese neurofisiológica aventada no item anterior teríamos:

Os fenômenos mediúnicos personímicos ocorrem quando são feitas consultas ao córtex, ou seja, ao arquivo da existência presente. Nesta ocasião são trazidos até à mesa mediúnicos fatos pertencentes à última encarnação do próprio médium.

Os fenômenos mediúnicos anímicos ocorrem quando a parte consultada é o subcórtex ou o que equivale a dizer, o arquivo das existências pretéritas. Os acontecimentos que desta feita são relembrados pertencem ainda ao Espírito do médium, apenas acontecerem em vidas anteriores.

Os fenômenos mediúnicos espiríticos ocorrem, só quando existe uma causa extramediúnica, ou seja, alheia ao médium. Nesta hipótese, haveria não só a consulta aos arquivos do próprio espírito do médium, mas também, a participação, direta ou não, de outros Espíritos.

Neste ponto vale lembrar que é básico dentro do Espiritismo, que o fenômeno espirítico não ocorre isoladamente. Há sempre uma maior ou menor interferência do próprio médium, o que equivale a dizer, ocorrem concomitantemente fenômenos mediúnicos personímicos e anímicos. As vantagens e os inconvenientes deste fato serão examinados mais adiante.

4 - Correlacionamento entre Espiritismo e Animismo

O fenômeno anímico na esfera de atividades espíritas significa a intervenção da própria personalidade do médium nas comunicações dos espíritos desencarnados, quando ele impõe nelas algo de si mesmo à conta de mensagens transmitidas além-túmulo.

Essa interferência anímica inconsciente, por vezes, é tão sutil que o médium é incapaz de perceber quando o seu pensamento intervém ou quando é o Espírito comuni-cante que transmite suas ideias pelo contato perispiritual. Não podemos confundir o animismo com a “mistificação”, ou seja, a deliberação consciente de enganar, resultada da má intenção.

A criatura anímica, quando em transe pode também revelar o seu temperamento psicológico, as suas alegrias ou aflições, suas manhas ou venturas, seus sonhos ou derrotas. Se esta manifestação anímica é assinalada por cenas dolorosas, fatos trágicos ou detestáveis, então se trata de médium desajustado ou doente que necessita mais de amparo e orientação espiritual.

A criatura que supera a maioria dos médiuns, pois se é inteligente, de moral superior e sensível à vida espiritual-angélica, não deixa de ser um médium intuitivo-natural, um feliz inspirado que pode absorver diretamente na Fonte Viva os mais altos conceitos filosóficos da vida imortal e as bases exatas da ascese espiritual.

Só o médium com propósitos condenáveis é que pode ter remorsos de sua interferência anímica, pois nesse caso tratar-se-ia realmente de uma burla à conta de mediunismo. Não é passível de censura aquele que impregna as mensagens dos Espíritos com forte dose de sua personalidade mas o faz sem poder dominar o fenômeno ou mesmo distingui-lo da realidade mediúnica.

Só há um caminho para qualquer médium lograr o melhor êxito no seu trabalho mediúnico: É o estudo incessante aliado à disciplina moral superior. Nenhum médium ignorante, fantasioso ou anímico transformar-se-á em um instrumento sensato, inteligente e arguto, se não o fizer pelo estudo ou próprio esforço de ascensão espiritual.

5 - Referências

(1) “Além do Inconsciente”, Jayme Cervino - FEB - 1ª Ed.
(2) “Animismo e Espiritismo”, Alexander Aksakof - FEB
(3) “Mediunismo”, Hercílio Maes - Liv. Freitas Bastos - 1961.
(4) “Mecanismos da Mediunidade”, André Luiz - FEB
(5) “Animismo ou Espiritismo”, Ernesto Bozzano - FEB
(6) “Fatos Espíritas”, William Crookes - FEB
(7) “Um caso de Desmaterialização”, Alexander Aksakof - FEB

Capítulo XIV

Mediunidade e Prece

1 - Aspecto formal

Perante a oração (Ref. 1, pág. 78)

Proferir prece inicial e a prece final nas reuniões doutrinárias, facilitando-se, dessa forma, a ligação com os benfeitores da vida maior.

A prece enlaça os Espíritos.

* * *

Quanto possível, abandonar as fórmulas decoradas e a leitura maquinal das "preces prontas", e viver preferentemente as expressões criadas de improviso, em plena emotividade, na exaltação da própria fé.

Há diferença fundamental entre orar e declamar.

* * *

Abster-se de repetir em voz alta as preces que são proferidas por amigos outros nas reuniões doutrinárias.

A oração, acima de tudo, é sentimento.

* * *

Prevenir-se contra a afetação e exibicionismo ao proferir essa ou aquela prece, adotando prece, adotando concisão e espontaneidade em todas elas, para que não se façam veículo de intenções especiosas.

Fervor d'alma, luz na prece.

* * *

Durante os colóquios da fé, recordar todos aqueles a quem tenhamos melindrado ou ferido, ainda mesmo inconscientemente, rogando-lhes, em silêncio e à distância, o necessário perdão de nossas faltas.

Os resultados da oração, quanto os resultados do amor, são ilimitados.

* * *

Cancelar as solicitações incessantes de benefícios para si mesmo, centralizando o pensamento na intercessão em favor dos menos felizes.

Que ora em favor dos outros, ajuda a si próprio.

* * *

Controlar a modulação da voz nas preces públicas, para fugir à teatralidade e à convenção.

O sentimento é tudo.

* * *

"Vigiai e orai, para que não entreis em tentação."

Jesus. (Mateus, 26:41)

2 - Aspecto científico

2.1 - Caráter da prece (Ref. 2, Pág. 74)

Não basta ter estabelecido as nossas relações com Deus.É necessário entrar em comunhão com Ele, isto é, é necessária a oração.Eis aqui uma outra cousa elementar, comumente não compreendida e que também é aqui uma outra coisa elementar, comumente não compreendida e que também é necessário compreender, para não só alcançar o conhecimento da vontade de Deus, mas também a adesão a ela e, com isto, a união mística da alma com Ele.Em geral não se sabe orar e assim se explica o escasso resultado que obtemos com nossas orações.

A lei de Deus, que tudo regula, inclusive a nossa vida, não é e não pode ser ilógico capricho, como frequentemente cremos e como, tais somos nós, assim desejaríamos, para que pudéssemos submeter à nossa vontade.Nesta lei que guia e rege o universo, tudo é ordem, lógica, método, disciplina.O contrário está apenas em nós, que somos um grosseiro esboço de sua realização e, por

conseguinte, nos encontramos muito longe de sua perfeição.A desordem não está na lei, nem em Deus, mas somente em nós e a dor que lhe é consequente, não é uma absurda condenação de um Deus malvado, que nos criou para atormentar-nos, mas é uma prova da Sua bondade, sabedoria e cuidado que nos dedica, visto que por intermédio dela, Ele nos conduz pelo único caminho que nos pode proporcionar felicidade, sabiamente corrigindo-nos e ensinando-nos na escola da vida.A dor que tanto nos azorraga não é uma violação da vida divina do universo, mas é justamente uma reintegração nela, ainda que seja às nossas expensas, o que é justo, porque fomos nós que livremente quisemos violá-la.

2.2 - Mecanismo da prece

Reflexo condicionado e mediunidade (Ref. 3, Pág. 162)

Em toda parte, desde os amuletos das tribos mergulhadas em profunda ignorância até os cânticos sublimados dos santuários religiosos dos templos modernos, vemos o reflexo condicionado, facilitando a exteriorização de recursos da mente, para o intercâmbio com o plano espiritual.

Talismãs e altares, vestes e paramentos, símbolos e imagens, vasos e perfumes, não passam de petrechos destinados a incentivar a produção de ondas mentais, nesse ou naquele sentido, atraindo forças do mesmo tipo que as arremessadas pelo operador desta ou daquela cerimônia, mágica ou religiosa e pelas assembleias que os acompanham. Visando certos fins.

E compreendendo-se que os semelhantes se atraem, o bruxo que se vale da mandrágora para endereçar vibrações deprimentes a certa pessoa, a esta procura induzir à emissão de energias do mesmo naipe com que, à base de terror, assimila correntes mentais inferiores, prejudicando a si mesma, sempre que não possua a integridade da consciência tranquila; o sacerdote de classe elevada, toda vez que aproveita os elementos de sua fé para consolar um espírito desesperado, está impelindo-o à produção de raios mentais enobrecidos, com os quais forma o clima adequado à recepção do auxílio da Esfera Superior; o médico que encoraja o paciente, usando autoridade e doçura, inclina-o a gerar, em favor de si mesmo, oscilações mentais restaurativas, pelas quais se relaciona com os poderes curativos estuantes em todos os escaninhos da natureza; o professo, estimulando o discípulo a dominar o aprendizado dessa ou daquela expressão, impulsiona-o a condicionar os elementos do próprio espírito, ajustando-lhe a onda mental para incorporar a carga de conhecimento de que necessita.

Grandeza da oração (Ref. 3, Pág. 163)

Observamos em todos os momentos da alma, seja no repouso ou na atividade, o reflexo condicionado (ou ação independente da vontade que se

segue, imediatamente, a uma excitação externa) nas bases das operações da mente, objetivando esse ou aquele gênero de serviço.

Daí resulta o impositivo da vigilância sobre a nossa própria orientação, de vez que somente a conduta reta sustenta o reto pensamento e de posse do reto pensamento, a oração, qualquer que seja o nosso grau de cultura intelectual, é o mais elevado toque de indução para que nos coloquemos, para logo, em regime de comunhão com as Esferas Superiores.

De essência divina, a prece será sempre o reflexo positivamente sublime do Espírito, em qualquer posição, por obrigá-lo a despedir de si mesmo os elementos mais puros que possa dispor.

No reconhecimento ou não da petição, na diligência ou no êxtase, na alegria ou na dor, na tranquilidade ou na aflição, ei-la exteriorizando a consciência que a formula, em efusões indescritíveis, sobre as quais as ondulações do Céu corrigem o magnetismo torturado da criatura, insulada no sofrimento educativo da Terra, recompondo-lhe as faculdades profundas.

A mente centralizada na oração pode ser comparada a uma flor estelar, aberta ante o infinito, absorvendo-lhe o orvalho nutriente de vida e luz.

Aliada à higiene do espírito, a prece representa o comutador das correntes mentais, arrojando-as à sublimação.

3 - Ação da prece

Com o objetivo de melhor compreender a ação da prece, examinemos através do gráfico n.º 1, os fenômenos que ocorrem quer durante a realização de uma sessão espírita, querem nossas relações normais de todos os dias.

Figura 1 - Sintonia Vibratória
Plano Espiritual

Legenda:

- Hipótese A: Espírito encarnado por ocasião de uma prece.
- Hipótese B: Comunicação mediúnica entre um espírito encarnado (1) e outro desencarnado (2) em condições de orientá-lo. O primeiro eleva o seu padrão vibratório e o segundo sacrifica-se para descer até ele.
- Hipótese C: Outra comunicação mediúnica, desta feita entre um encarnado (1) e um desencarnado a ser beneficiado (3). Como se observa, o médium, sob a orientação de um espírito protetor (2) reduz o seu padrão vibratório até sintonizar-se com o espírito comunicante.
- Hipótese D: Comunicação mediúnica irrealizável.Um médium

despreparado sob múltiplos aspectos, não consegue sintonizar-se com um desencarnado, mesmo este tendo reduzido o seu padrão vibratório.

- Hipótese E: Um encarnado (1), em um momento de invigilância, estabelece sintonia com espíritos encarnados (3) ou não (2), que apresentam más condições vibratórias. É o caso típico da maledicência. O espírito (1) quando voltar ao seu estado vibratório, possuirá fluidos correspondentes aos planos mais grosseiros (choque de retorno).
- Hipótese F: Um encarnado (1), embora sujeito a um ambiente onde outros espíritos apresentam-se em condições vibratórias inferiores, mantém-se através da vigilância, em um estado satisfatório.

4 - Referências

(1) “Conduta Espírita”, Luiz André - FEB - 1961
(2) “Ascensões Humanas”, Pietro Ubaldi - LAKE - 2ª edição
(3) “Mecanismos da Mediunidade”, André Luiz - FEB - 1960
(4) “Técnica da Mediunidade”, Carlos Torres Pastorino - Ed. Sabedoria - 1970
(5) “Mediunidade”, Edgard Armond - LAKE - 1956.

Capítulo XV

Da Influência dos Espíritos em Nossas Vidas

1 - Influências ocultas ou ostensivas

As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos atraem para o bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos impelem para o mal: É-lhes um gozo ver-nos sucumbir e assemelhar-nos a eles.

As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas se verificam pela influência boa ou má que exercem sobre nós à nossa revelia. Cabe ao nosso juízo discernir as boas das más inspirações.

As comunicações ostensivas se dão por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, quase sempre pelos médiuns que lhes servem de instrumento.

2 - Influências benéficas ou perniciosas

Sejam ocultas ou ostensivas, as influências espirituais podem ser benéficas, quando nos induzem ao bem ou buscam nos auxiliar e, perniciosas, quando nos induzem ao mal ou buscam nos prejudicar.

As influências benéficas se dão por iniciativa dos espíritos amigos e simpáticos: Mentores espirituais do indivíduo; guias familiares: Espíritos responsáveis pelas coletividades; mentores dos Grupos Doutrinários, etc.

As influências perniciosas são oriundas dos Espíritos inferiores; Espíritos levianos; adversários espirituais; entidades que se comprazem com o mal, etc. Normalmente se manifestam sob a forma de obsessão.

3 – Obsessão

"Entre os escolhos que apresenta a prática do Espiritismo, cumpre se coloque na primeira linha a obsessão, isto é, o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas.Nunca é praticada senão pelos Espíritos inferiores, que procura, domi-nar.Os bons Espíritos nenhum constrangimento infligem.Aconselham, combatem a influência dos maus e, se não os ouvem, retiram-se." (Ref. 1 - item 237)

Obsessão simples

"Dá-se a obsessão simples, quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, se imiscui, a seu mau grado, nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com os outros Espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados. A obsessão consiste na tenacidade de um Espírito, da qual não consegue desembaraçar-se a pessoa sobre quem ele atua." (Ref. 1 - item 238)

Fascinação

"A fascinação tem consequências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento de médium e que, e certa maneira, lhe paralisa, lhe paralisa o raciocínio, relativamente às comunicações. O médium fascinado não acredita que o estejam enganando. Efetivamente, graças à ilusão que dela decorre, o Espírito conduz o indivíduo de quem ele chegou a apoderar-se, como faria com um cego, e pode levá-lo a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade. Ainda mais, pode levá-lo a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas". (Ref.1, item 239)

Subjugação

"A subjugação é uma contrição que paralisa a vontade daquele que sofre e o faz agir a seu mau grado.Numa palavra: O paciente fica sob um verdadeiro jugo. A subjugação pode ser moral ou corporal. No primeiro caso, o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ela julga sensatas:É uma como fascinação. No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários". (Ref. 1, item 240)

4 - Referências

(1) “O Livro dos Médiuns”, Allan Kardec - 29ª Ed. - FEB
(2) “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec - 11ª Ed. - FEB

Sugestões de Leitura

Amigo(a) leitor(a):

Tomamos a liberdade de fornecer abaixo, em complemento às importantes obras já referenciadas ao final de cada capítulo deste curso, uma relação adicional de obras que enfocam o tema Mediunidade, de autores renomados, que devem receber a atenção de todos os espíritas estudiosos e dedicados, particularmente aqueles que participam das atividades de doutrinação e passes nos Centros Espíritas.

Alertamos que estas obras complementam – mas não substituem – as obras fundamentais da Codificação Espírita, de Allan Kardec, que devem ser criteriosamente estudadas por todos os adeptos da Doutrina Espírita.

Nota do digitalizador.

Literatura adicional, sobre o tema Mediunidade:

No Invisível - Léon Denis (Editora FEB)
Espíritos e Médiuns - Léon Denis (Editora CELD)
Mediunidade e Sintonia - Emmanuel / Chico Xavier (Editora CEU)
Seara dos Médiuns - Emmanuel / Chico Xavier (Editora FEB)
Mediunidade - J. Herculano Pires (Editora Paidéia)
Obsessão, o Passe, a Doutrinação - J. Herculano Pires (Editora Paidéia)

www.luzespirita.org